

ISA LIMA FERNANDES

TEMA:

**ALDEIA DE SINAGOGA EM SANTO ANTÃO. FORMAÇÃO DE UMA
SOCIEDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL**



LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

SETEMBRO DE 2005

A U T O R A
I S A L I M A F E R N A N D E S

TEMA:
ALDEIA DE SINAGOGA EM SANTO ANTÃO. FORMÇÃO DE
UMA SOCIEDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO SOCIAL E
CULTURAL

Trabalho Científico apresentado no ISE para a obtenção do grau de licenciado em ensino de História, sob a orientação do Dr. Humberto Lima

**TRABALHO CIENTIFICO ELABORADO POR ISA LIMA FERNANDES,
APROVADO PELOS MEMBROS DO JÚRI E HOMOLOGADO PELO
CONSELHO CIENTIFICO, COMO REQUISITO Á OBTENÇÃO DO GRAU DE
LICENCIADO EM ENSINO DE HISTÓRIA.**

O JÚRI

PRAIA, SETEMBRO DE 2005

Agradecimentos

Agradeço a todos que de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

Um apreço especial vai para o Doutor Humberto Lima pelo entusiasmo que demonstrou em ser o orientador.

A minha família em especial ao meu irmão Arlindo que se disponibilizou em fornecer-me informações valiosas para este trabalho, a minha gratidão e o meu reconhecimento é infinita.

A todo o pessoal que se preocupou em fornecer-me elementos de suma importância para a realização deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

Dedicatória

Dedico este trabalho em memória do meu pai Joaquim Fernandes que infelizmente já não está mais aqui presente entre nós.

A minha mãe Maria Da Luz Lima e a todos os meus irmãos.

INDICE

ALDEIA DE SINAGOGA EM SANTO ANTÃO. FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL

	Pag.
Introdução.....	6
Metodologias.....	7
Capitulo I	
1-Enquadramento histórico da ilha de Santo Antão	
1.1-Descoberta.....	9
1.2-Povoamento e Administração da ilha.....	11
Capitulo II	
2-Alguns conceitos do termo Sinagoga / origem histórica.....	14
2.1-Breve historial da aldeia de Sinagoga	15
2.2-Situação geográfica de Sinagoga.....	16
2.3-Aparecimento da aldeia.....	17
2.4-Origem da população.....	19
2.5-A evolução da aldeia.....	21
Capitulo III	
3-As actividades económicas em Sinagoga	23
3.1-A pesca no geral.....	24
3.1.2-A pesca em Sinagoga.....	25
3.1.3- Actividade de pesca.....	28
3.1.4- Caracterização dos recursos.....	30
3.1.5-Comercialização do pescado.....	31
3.1.6-Embarcações de pesca.....	33
3.1.7-Custo e rendimento das embarcações.....	34
3.1.8-Motorização.....	36
3.1.9-Materiais e arte de pesca.....	37
3.1.10-Organização dos pescadores de Sinagoga.....	37
3.1.11-O papel da mulher no desenvolvimento da pesca.....	39
3.1.12- A pesca nos ilhéus e o apanho das cagarras.....	41
3.1.13-Comparação da pesca em Sinagoga com as ilhas Canárias.....	45
3.2- Agricultura.....	46
3.3- Comercio.....	47
3.4-Pecuária.....	48
Capitulo IV	
4-A religião, as crenças e os valores morais e a festa de São José	
4.1 – A Religião.....	50

4.2 – As Crenças.....	52
4.3 – Valores Morais.....	54
4.4- A festa de São José 1º de Maio.....	55
	61
	63
Capítulo V	
5.1- A saúde.....	58
5.1.1- A transferencia dos leprosos para a aldeia de Sinagoga.....	59
5.2- A educação.....	61
5.3 - Os problemas enfrentados pela população de Sinagoga.....	63
Conclusão.....	66
Bibliografia.....	68
Anexos	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho anuncia, a etapa culminante dos estudos académicos efectuados ao longo de cinco anos no Instituto Superior de Educação, visando a obtenção do grau de Licenciatura em ensino de História.

O interesse que nutrimos pela história de Sinagoga tem sido motivo de uma inquietação intelectual, razão por que constitui o objecto de estudo do trabalho científico que ora apresentamos. Com efeito, o desenvolvimento do tema “ *Aldeia de Sinagoga em Santo Antão. Formação de uma Sociedade e o seu Desenvolvimento social e cultural*”, baseia fundamentalmente, na sequência de diversos contactos que tivemos ao longo do tempo com as suas martirizadas gentes.

Os sinagoguenses, sempre nos impressionaram de uma forma muito positiva. Gente simples, simpática e empreendedora, simultaneamente aberta e desconfiada. A população deste povoado exerceu um certo fascínio sobre o nosso espírito ainda juvenil.

A frequência do curso de história abriu-nos novos horizontes.

A possibilidade de conhecer melhor as gentes de Sinagoga e a sua comunidade, foi ganhando corpo na nossa mente. Assim, desde o início, decidimos que a nossa monografia de fim de curso incidiria sobre Sinagoga, o que acabamos por concretizar.

É certo que não se trata de nenhuma obra-prima sobre o tema. Temos a consciência das nossas limitações e insuficiências, mas, nem por isso desistimos das nossas intenções iniciais, não obstante, as dificuldades que tivemos de enfrentar para a sua elaboração.

Ao longo do trabalho fomos confrontados com opiniões diversas e de procedência diferente sobre a origem histórica de Sinagoga. Porém não se pode negar que, o nome Sinagoga por muitos parece estranho.

Seja como for, pensamos ter conseguido, ainda que minimamente, dar a conhecer a vida dos sinagoguenses, os seus anseios e dificuldades, o seu dia a dia, as suas alegrias e tristezas. Conhecer e compreender as gentes de Sinagoga permitirá que se possa perspectivar o futuro da sua comunidade, que bem merece melhor sorte, votos que, aliás, auguramos às outras aldeias isoladas que proliferam pelo nosso país.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos: no primeiro capítulo fizemos o enquadramento histórico da ilha de Santo Antão, onde referimos à história da sua descoberta e povoamento; no segundo capítulo introduzimos a história de Sinagoga, onde mencionamos a sua situação geográfica, aparecimento da aldeia, origem da sua população e a sua evolução; no terceiro capítulo foi referido a questão das actividades económicas onde debruçamos mais sobre a pesca; no quarto capítulo abordamos a religião, os valores morais e a credence, a educação, a saúde e os problemas que os sinagoguenses enfrentam.

Esperamos que este trabalho venha a contribuir para o enriquecimento dos nossos conhecimentos na área de história, e que ao mesmo tempo proporcione às actuais e futuras gerações a clarificação de alguns enigmas culturais relativos a esta aldeia e, desperte o interesse pela investigação e valorização das nossas raízes nas suas diferentes dimensões.

METODOLOGIA

Qualquer trabalho de carácter científico, exige uma bibliografia variada e diversificada, afim de, possibilitar um devido tratamento das informações através da comparação de ideias.

Para que pudéssemos realizar este trabalho, consultamos obras relacionadas com o nosso objecto de estudo e outros meios que, de algum modo, nos ofereceram pistas para o desenvolvimento do tema. As bases bibliográficas como (Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462- 1983), da autoria de Agostinho Rocha), e (A Ilha, da autoria de Luís Romano, ilhéu editora, 1991), foram as mais utilizadas. Outros textos consultados também serviram imenso para a complementaridade de certas ideias que, na hora não estavam devidamente formuladas por falta de algo que nos esclarecesse algumas dúvidas. Sendo assim a comparação bibliográfica foi constante na medida em que, o contributo dessa bibliografia vasta foi benéfica para a realização deste trabalho. Foram igualmente consultados Boletins Oficiais, Boletins de Propaganda e Informação que, entre outros, foram comparadas e interpretadas conjuntamente com outras bibliografias.

Utilizamos fontes orais e iconográficas, aplicamos inquéritos e entrevistas, comparamos conversas informais junto de pessoas, sobretudo daquelas que mais directa e activamente participaram do referido trabalho.

Convém realçar que, a maior parte deste trabalho foi elaborado graças ao recurso às fontes orais. A utilização destas fontes, permitiu-nos pôr em pratica um método particular que nos possibilitou obter o máximo de informação, de um modo que, nos possibilitou um elevado grau de confiança. Para que o nosso objectivo fosse alcançado, elaboramos um plano prévio que serviu de base às entrevistas que realizamos, o que nos possibilitou assegurar o maior índice de coerência possível das informações recolhidas. De entre os entrevistados seleccionados algumas pessoas, que combinaram as datas de entrevista connosco, entrevistas estas que, nós mesmos conduzimos. Das entrevistas feitas foram seleccionados dez pessoas, sendo seis homens e quatro mulheres.

Essas fontes orais foram complementadas com outras fontes de que dispúnhamos, tendo em conta que há informações que nunca poderíamos obter a partir de documentos escritos. Por outro lado, há informações que a pesquisa oral não permitiu que fossem equacionadas nesta pesquisa. Foram igualmente utilizadas fotografias como referência.

Devemos salientar que, mesmo tendo a benéfica contribuição de algumas pessoas, não foi fácil a consumação deste trabalho, se levarmos em conta a falta de documentos escrito sobre o mesmo, uma vez que, é um tema novo, pouco conhecido, as insuficiências bibliográficas foram grande na concepção dos nossos objectivos. Por outro lado o difícil entendimento entre as pessoas, fez da pesquisa um verdadeiro desafio, mas mesmo assim o sonho acabou por se concretizar.

Ao longo da pesquisa o plano do trabalho foi alterado, tendo em conta aspectos que achamos importantes e que não poderiam ficar de fora na concepção deste trabalho. Várias vezes incluímos e excluimos pontos e sub-pontos devido ao aparecimento de novas bibliografias, ideias, sugestões e criticas.

Houve grande preocupação em dar uma sequência lógica ao plano. A realização deste trabalho foi uma experiência nunca antes conseguida por nós e, foi elaborado com muito empenho, dedicação, coerência e grande espírito de oportunidade.

CAPITULO I

1- ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ILHA DE SANTO ANTÃO

1.1- DESCOBERTA

O arquipélago de Cabo Verde tem gerado polémica quanto ao seu descobrimento ou achamento.

No entanto, confrontando fontes narrativas conclui-se que “António de Noli e Diogo Gomes são os descobridores oficiais dessas ilhas no ano 1460, antes da morte do Infante D. Henriques ocorrido a 13 de Novembro do mesmo ano”¹.

Situada na costa ocidental africana, Cabo Verde encontra-se entre o trópico Câncer e o Equador mais precisamente no Atlântico Norte, a cerca de 500 km do promontório de Cabo Verde no Senegal donde lhe vem o nome. As ilhas encontram-se divididas em dois grupos administrativos: o grupo das ilhas de Barlavento que compreende as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus Raso e Branco e o grupo das ilhas de Sotavento constituído pelas ilhas do Maio, Santiago, Fogo e Brava com as ilhotas adjacentes.

A aldeia de Sinagoga situa-se na ilha de Santo Antão, que é a ilha que se encontra mais a norte do arquipélago e faz parte das chamadas ilhas ocidentais.

Descoberto pelo genovês António de Noli, no ano de 1462, mais precisamente a 17 de Janeiro do referido ano, data em que se celebra o aniversário do seu achamento, que é o dia de Santo Antão, seu Santo onomástico.

De todas as ilhas do arquipélago esta é a mais ocidental e setentrional. “Lançada no Atlântico Norte, dista do meridiano de Greenwich 25 1' 30'' do lado leste 25 22' do lado oeste e do Equador 16 30' sul e 17 12' norte”².

¹ AMARAL, Ilido do, Cabo Verde- Introdução geográfica in História de Cabo Verde, Lisboa (s/ed), 1991, vol. I, pg 38

² ROCHA, Agostinho, Subsídio para a história da ilha de Santo Antão (1462- 1983) ed. Autor com o patrocínio do Ministério da Educação, pg 13

Tem uma superfície de 770 km² e o seu maior comprimento é de 42.750m entre a ponta de Tumba a N.E e a ponta de Camarina a S.W., e a sua maior largura é de 22.970m desde a ponta de Areias a N.E. e o Cais dos Fortes, a S.W.

É a segunda ilha em extensão. “O topo de Coroa com 1979m de altitude é o seu ponto mais alto integrando a cordilheira central que percorre na posição este/oeste com altitude acima dos 1000m, proporcionando grande microclimática e paisagística”³.

Sendo a mais montanhosa do arquipélago, é dividida de norte a sul por uma extensa e notável cordilheira de ordem que partem ramificando-se irregularidades montanhas de segunda e terceira ordem. A natureza das rochas predominantes nas montanhas de Santo Antão, ilha de incontestável origem vulcânica são os basaltos e as lavas.

“A ilha está atravessada por toda a parte, de vales profundíssimos e montanhas elevadíssimas, em cuja transição, se notam pela maior parte, declives extraordinariamente acidentados, que deixam entrever ao espirito observador o quão tremendas seriam as convulsões vulcânicas que nestas paragens deram origens a ilha”⁴.

Há semelhança das outras ilhas, também vigorou o regime de doações de capitánias- donatárias de 13 de Janeiro de 1538 a 7 de Agosto de 1759, conforme a carta de 13 de Janeiro de 1538 pela qual D. João III a deu de jure e herdade a João de Sousa e por este ter morrido, a seu irmão Gonçalo de Sousa. Em 1593, tendo revertido a ilha para a coroa, o rei Filipe II de Espanha doou a mesma a D. Francisco Mascarenhas e com iguais condições, reservando o monarca, para si a correição e alçada de todas as rendas.

A povoação de Santa Cruz hoje vila da Ribeira Grande foi fundada por D. Francisco Mascarenhas primeiro conde de Santa Cruz e Orta.

Em 1608, Filipe II confirmou a doação da ilha a D. Martinho Mascarenhas segundo conde de Santa Cruz. Em 1624, Filipe III outorgou a doação a D. João Mascarenhas marido de D. Beatriz e terceiro conde de Santa Cruz, para ter em 1625, alvará de doação de Santo Antão D. Martinho de Mascarenhas, quarto conde de Santa Cruz como herdeiro directo da sua mãe. Em 1685 por morte de D.

³FERRO, Carlos R. N, Estudos sobre a ilha de Santo Antão, Província de Cabo Verde, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, pg 11,12.

⁴ Idem, Ibdem, pg13

Martinho a ilha passou a seu filho, o conde D. João Mascarenhas, quinto conde de Santa cruz, o qual acabou por vender a ilha aos ingleses em 1724.

Conforme a revista EKHOS do Paúl, passo a citar: “Contra a venda perpetrada pelo donatário, os moradores da ilha fizeram uma representação, quando viram chegar um navio inglês para tomar posse, e como consequência da venda aos ingleses a ilha de Santo Antão reverteu para a coroa e os ingleses expulsos. A ilha foi restituída mais tarde ao Marquês de Coveia, e duque se Aveiro D. José Mascarenhas o sexto conde de Santa Cruz, mas agora com menos privilégios que os seus antepassados, como por exemplo obrigatoriedade de mandar despachar os produtos na Alfândega de Santiago, fiscalização dos direitos e manutenção da ordem na ilha por feitores e capitães-mores de nomeação regida”⁵.

1.2- POVOAMENTO E ADMINISTRAÇÃO DA ILHA

Do ponto de vista histórico diz-se que as ilhas de Cabo Verde eram desabitadas quando foram descobertas. O povoamento do arquipélago terá iniciado primeiramente pela ilha de Santiago e as outras ilhas terão sido povoados posteriormente.

Devemos pois, dizer que, para a ilha de Santo Antão não terá sido povoado logo a seguir à sua descoberta, visto que em 1610 era ainda despovoada. Devemos concluir que, a sua ocupação humana só se verificou depois de quase um século e meio, o que contraria a carta de doações de 17 de Outubro de 1593, concebida por D. Felipe a D. Francisco de Mascarenhas e que diz: «tomo posse do gado e escravo e de todos os moveis existentes na ilha pertencentes a Beatriz de Távora mulher de Gonçalo de Sousa, a qual ficarão somente as terras que o seu marido e seus sucessores tinham e compraram nas ilhas»⁶.

De acordo com Ferro, “o Povoamento foi iniciado por algarvios, alentejanos e minhotos enviados pelo Infante D. Fernando porque a sua única actividade económica era a agricultura”⁷. Feito em regime de donatárias, o que acentuava

⁵ Revista Ekhos do Paúl, Junho de 1996 n°8/91 pg 54, 55

⁶ Idem, Idem pg 54, 55

⁷ FERRO, Maria Haydée F, Subsídios para a história da ilha de Santo Antão de Cabo Verde, (1460-1900), Instituto de Promoção Cultural, tese, 1998, pg11

muito no carácter feudal, o que terá levado os colonos a importarem a mão-de-obra negra, constituída na sua maioria por escravos já ladinizados ou mesmo libertos.

O povoamento da ilha foi consumado por gentes das mais diversas proveniências, na sua maioria, escravos da costa africana sobretudo da Guiné vindos da ilha de Santiago através dos donatários colonos europeus do sul da metrópole.

“Depois, devido a benignidade do clima em relação as ilhas irmãs chegaram a ela os espanhóis, os italianos, os franceses, os nortes americanos seguidos pelos judeus, colonos que fundiram com as negras dando origem ao mestiço crioulo⁸”. Por decreto de 30 de Agosto de 1731 fora criado, pela primeira vez, o concelho de Santo Antão com sede em Ribeira Grande, até ai denominada “povoação de Santa Cruz”. Nessa altura, no dizer do ouvidor geral José da Costa Ribeiro, Santo Antão tinha mais de 370 fogos “todos dentro da povoação apelidada da Ribeira Grande”. Isso quer dizer que, só Ribeira Grande devia contar com 1800 habitantes, se tomarmos em media cinco pessoas por fogo, calculo por defeito se consideramos os padrões cabo-verdianos.

Em 1856, os habitantes das freguesias de Santo António das Pombas e de São João Baptista requereram a formação de um concelho distinto ao resto da ilha de Santo Antão. Em 1860 a Câmara Municipal de Santo Antão manifestou-se a criação de um novo concelho e enviou uma contra-representação de 24 de Outubro de 1860 dos habitantes da freguesia de São João Baptista, protestando energicamente contra a divisão concelhia, declarando que não tinha acompanhado os seus vizinhos de S. António das Pombas no pedido, simultaneamente, a Câmara argumentava com a criação de novos impostos e novas contribuições para fazer face as despesas dos dois municípios e o governador, com a dificuldade para encontrar gente que pudesse ocupar os cargos, já que de si até ai difíceis, que embora a freguesia de S. António das pombas fosse uma das mais importantes do concelho, contudo não tinha meios suficientes para suportar um município.

O certo é que, mais tarde por decreto de 3 de Abril de 1867 a ilha foi dividida em dois concelhos com sedes respectivamente na vila da Ribeira Grande que, mais tarde foi transferida para a vila D. Maria Pia, e na povoação das Pombas.

⁸ ROCHA, Agostinho, Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462- 1983) ed. Autor com o patrocínio do Ministério da Educação. Pg 14

Assim, a divisão administrativa da ilha passou a respeitar os parâmetros que passamos a citar: “ao concelho do Paúl pertenciam as freguesias de Santo António Das Pombas e de São João Baptista ocupando esta última 2/3 da superfície total da ilha salientando que a população desta freguesia era superior a da outra dizendo ainda que a freguesia de São João Baptista era considerada o celeiro da ilha e abastecia de cereais a freguesia de Santo António das Pombas.

No que diz respeito ao concelho da Ribeira Grande, este ocupava apenas ¼ da área. Abrangia as freguesias de Nossa Senhora do Rosário, do Santo Crucifixo, e de São Pedro Apostolo. “Em 1892 por decreto de 24 de Dezembro houve uma reforma administrativa que extinguiu o concelho do Paúl e criou um único concelho de Primeira classe na ilha com sede na vila D. Maria Pia e composto pelas cinco freguesias já atrás referidas⁹”.

Entretanto em 1898 -1899 vamos encontrar a ilha dividida em seis freguesias: Nossa senhora do Rosário com 7609 habitantes, incluindo a população que pertence à de S. Sacramento que excedia os 1000 habitantes, à de S. Crucifixo com 5483 habitantes à de S. Pedro Apostolo com 3033 habitantes, à de S. A das Pombas com 3404 habitantes e à de S. J. Baptista com 4206 habitantes.

⁹ Revista Ekhos do Paúl, Junho, 1996 nº 8/91 pg 56, 57

CAPITULO II

2- ALGUNS CONCEITOS DO TERMO SINAGOGA

As informações amealhadas a partir do inquérito e através de contactos informais, permitiu-nos assegurar que a origem do nome Sinagoga, é atribuído a diversas proveniências.

Segundo o documento “Sinagoga-origem: Wikipédia, a Enciclopédia Livre”, Sinagoga é o local de culto da religião judaica desprovida de imagens religiosas ou de peças de altar. O seu objecto central é a Arca ou armário do Torá, que significa o livro sagrado que foi directamente revelado por Deus, ainda segundo este mesmo documento, o serviço religioso da Sinagoga é feito no sábado de manhã, o dia santo dos judeus, e muitas das cerimónias envolvem a leitura do Torá, cujos rolos são retirados da Arca e transportados até a tribuna.

Já a “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (pg. 333-336)”, diz que Sinagoga significa assembleias de fiéis na antiga religião judaica, “... repreenderam o pecado de ouvir as sequezes de Sinagoga...”. O templo judaico tem uma grande e concentrada Sinagoga, onde se juntam aos sábados e as demais festas da lei velha. Os sacerdotes e os príncipes fecharam - se nas Sinagogas a estudar a profecia de Jacob.

Para Aquilo Ribeiro no livro do menino de Deus, capítulo 11, pg 1, em 1496 Sinagoga era propriedade particular dos judeus, o lugar onde se reúnem os judeus para o exercício da sua religião, não retirando o chapéu da cabeça.

Segundo outros documentos Sinagoga significa assembleias de fiéis entre os hebreus, casa de orações, escolas, etc. Sinagoga representa ainda o templo de Davi e Salomão e evoca a saudade dos dois templos destruídos.

ORIGEM HISTÓRICA

Por volta de 750 a.C., o reino foi dividido em duas partes, Israel a norte e Judá a sul. Em 722 ^ac., o reino do norte foi desgastado pelos Assírios e século

depois o reino do sul foi conquistado pelos Babilónios 587^a.c. Em 539 ^ac., aqueles que regressaram à sua terra natal passou a ser desde então conhecidos como judeus da judá e Judeia.

Foi depois do regresso do exílio na Babilónia que, a religião que hoje conhecemos como judaísmo, começou a se desenvolver. O culto, passou a concentrar-se na Sinagoga, um hábito adquirido na Babilónia devido a inexistência de um templo. A Sinagoga, passou a funcionar como um ponto de encontro dos judeus para as orações e para a leitura das escrituras.

2.1- HISTORIAL DE SINAGOGA

Sinagoga é uma pacata aldeia piscatória, situada na costa norte da ilha de Santo Antão, a 4 km da vila da Ribeira Grande e pertence ao concelho com o mesmo nome da vila.

Segundo relatos transmitidos por pessoas antigas, mas sem nenhuma base de fundamentação, a aldeia poderá ter sido habitada primeiramente por judeus, que terão originado alguns dos apelidos de origem judaica que ainda hoje circulam na zona.

Depois com a evolução natural, foram aparecendo outras pessoas que acabaram por fixar residência na localidade que hoje conta com uma população de 600 habitantes, constituída na sua maioria por crianças e jovens.

Primeiramente a povoação ocupava um pequeno espaço que ficava a escassos metros do mar, zona que recebeu o nome da Gafaria quando construíram em 1947 o Centro de recolhimento dos leprosos. Para isso, o estado construiu na Ribeira de Joaquim Antoninho algumas casas que receberam os habitantes da antiga povoação, onde actualmente é o centro da localidade, constituída por duas ruas e travessada pela estrada que liga a povoação de Sinagoga as duas vilas, Ribeira Grande e Pombas.

Trata-se de uma zona piscatória e, como é natural a população da área vive da pesca. Antigamente esta actividade era praticada pela maioria da população activa, mas hoje encontra-se em decadência, porque os jovens procuram outros meios menos arriscados para ganhar o sustento.

A povoação de Sinagoga era conhecida pela apanha da cagarra levado a cabo pelos pescadores nos ilhéus Raso e Branco, mas esta pratica também caiu muito em desuso e, perspectiva-se mesmo o abandono dessa actividade(felizmente).

Contudo, apesar da pesca ser a actividade principal, também pratica-se o comércio e em menor escala a agricultura e a pecuária. Regra geral cada família tem um porco uma cabra e galinhas que rende pouco ou quase nada em termos monetários. De área simi-abandonada, a povoação entrou numa fase de expansão: conta com uma escola primária onde se lecciona até a 6ª classe e que recebe alunos da localidade de Chã das Furnas (zona que se localiza a sudeste de Sinagoga), possui um jardim infantil, um Centro sócio-comunitário.

A nível religioso há um predomínio do catolicismo embora outras religiões já tenham alguns seguidores. Aí celebra a festa de São José que é o patrono religioso, desde 1 de Maio de 2003.

Conta com água canalizada em todas as casas, o que aumenta o nível de vida das pessoas.

No que concerne aos meios de comunicação a televisão é vista com algum esforço dos residentes que colocam antenas a cerca de 200 metros das casas, sem que no entanto tenham acesso à televisão nacional. Quanto a rádio ela é escutada com menor dificuldade.

2.2- SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE SINAGOGA

Sinagoga localiza-se na linha marítima que liga as vilas da Ribeira Grande à das Pombas - Paúl, cuja baía era bem conhecida, principalmente pelos marinheiros, que no passado utilizavam o seu pequeno porto como abrigo dos veleiros que se dirigiam a famosa e terrível Boca de Pistola, porto que serve a vila Maria Pia nas épocas das maresias.

“Sinagoga está assento na ponta do mesmo nome a N.E e é composta de um pequeno amontoado de casas de pescadores e não só, cobertos de colmo¹⁰”.

Em 2000 a aldeia tinha um total de 407 habitantes que constituíam 199 famílias sendo 199 homens e 208 mulheres. Hoje esse número aumentou para os

¹⁰ FERRO, Carlos R N, Estudos sobre a ilha de Santo Antão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898,pg 52

600 habitantes como eu já tinha referido anteriormente, sendo 284 homens e 316 mulheres. Este aumento não é justificado apenas por nascimento de crianças, mas também, devido a migração de pessoas das zonas altas para Sinagoga.

O povoamento desta comunidade de pescadores ter-se-á verificado em finais do século XIX ou princípios do século XX, e a sua organização social estrutura-se da seguinte forma:

Porque o acesso a vila da ribeira Grande é rápido e fácil, tudo o que diz respeito, à administração é tratado na sede do concelho da Ribeira Grande. No âmbito da política, não existem estruturas partidárias mas, existe uma associação dos moradores de Sinagoga designada por Associação para o Desenvolvimento Integrado de Sinagoga – ADIS, quanto ao religioso existe um grupo de jovens e outro de adultos, integrado nas caritas que se encontra à cargo de dois senhores.

A estrutura da aldeia é bem organizada, com ruas bem largas onde a principal liga-se directamente na estrada. As casas encontram juntas, próximas umas das outras e foram construídas com ordem, e alinhamento, o que leva-nos a crer que a elaboração da estrutura da aldeia foi bem definida e pensada.

Sinagoga vem despertando interesse devido às suas potencialidades turísticas, que infelizmente ainda estão pouco exploradas. As suas praias de areia preta e fina, que se intercalam com muitos lajedos e algumas praias de cascalho são muitas procuradas pelos banhistas da aldeia e da ilha em geral. Essas praias são um convite para as pessoas que apreciam um bom banho de mar pois, são banhadas por um mar de águas límpidas e mornas.

2.3- APARECIMENTO DA ALDEIA

É difícil fazer um levantamento bibliográfico das diferentes zonas de Santo Antão, como é o caso de Sinagoga por falta de fontes credíveis. Mas se tomarmos como fonte a tradição oral, esta aldeia piscatória não apareceu do nada.

“Na linha das perseguições efectuadas contra os judeus, estes fugiram com alguns companheiros a caminho da América Central, mas vieram encalhar na ilha, estabelecendo no local hoje conhecido por «Sinagoga», uma ponta de rocha que

entra pelo mar a dentro onde antigamente os escravos pescavam e vigiavam os veleiros que passavam carregados de cativos ¹¹”.

A ilha possuía muita água, vegetação abundante e um clima saudável, que permitiu com que os animais se adaptassem e, as pessoas meteram-se pela terra a dentro, procurando pontes disfarçadas ou de acesso difícil, receosos de serem capturados outra vez, e para isso mantiveram por muito tempo uma vigilância constante.

Neste isolamento que estes indivíduos tiveram que suportar, cruzaram entre si originando uma grande família que se fixou e cresceu neste espaço.

“E para se defenderem dos estranhos postaram sentinelas nos picos mais altos, próximas das praias para alertar da chegada dos negreiros ¹²”.

Aos poucos, construíram uma pequena Sinagoga, onde faziam suas predicas penitências.

Este local até hoje é conhecido por Sinagoga, pelas gentes desta ilha. Passaram a viver da pesca, de uma espécie de milho bravo ou painço e de feijões que os escravos trouxeram e semearam nas várzeas.

Todos os sábados, entoavam os hinos litúrgicos e outros habitantes da ilha iam até Sinagoga atraídos pelo encanto e majestade da música sagrada.

Lentamente, Sinagoga foi-se transformando numa aldeia de cubatas de pedras cobertas de colmo, arredondadas, para melhor se defenderem do vento ou da incessante maresia conforme a tradição popular.

Outros condicionalismos para além dos já referidos, poderão ter contribuído para o aparecimento da aldeia.

“Como se sabe, de um modo geral, o judeu não se ocupava de uma única profissão. Era mercador, banqueiro, comerciante. Os mais pobres aliavam o ofício ao trabalho da terra. A percentagem mais representativa da população judaica dedicava-se ao comercio. Os mais ricos eram mercadores de pano ¹³”.

Os judeus dedicavam-se à transição de todos os produtos, incluindo os agrícolas, como o vinho ou o azeite que compravam na totalidade aos agricultores. Vendiam panos e peças de vestuários, objectos de ouro e de prata, alfaias agrícolas e ferramentas, enfeites, cobre, latões e sapatos. O comércio, era para a maior parte

¹¹ ROMANO, Luís, A ilha- contos lusoverdianos de temática , Europafrica + Brasilamerica , ilhéu editora, Abril ,1991, 1ª edição , Cabo Verde pg 19

¹² Idem, Idem pg 20, 21

¹³ TAVARES, M José Ferro, Os judeus na era dos descobrimentos, edição elo, pg 52,53

da população a sua principal actividade económica, que era complementado com a produção artesanal, agricultura, criação de gado e quiçá a pesca, garantiam o sustento dos agregados familiares.

Para além dos aspectos apontados, é bem provável que outros tenham contribuído para o aparecimento desta aldeia, uma vez que, Sinagoga no século anterior ao da fixação dos judeus, já tinha sido uma área agrícola, segundo fontes orais que comprovam o facto de existência desses povos, na zona.

Se ROCHA Agostinho em Subsídios para a história da Ilha de Santo Antão diz que, os judeus fundaram Coculi e Sinagoga, a tradição oral diz que quando os judeus chegaram, a zona já era habitada por algumas pessoas. Sem quaisquer documentações que comprovem qualquer destas posições, talvez porque os registos antigos de propriedades da zona se tenham perdido a quando do incêndio da Câmara da Ribeira Grande, sem desrespeito ao estudo feito por ROCHA, pode-se dizer que os judeus poderão ter contribuído para o desenvolvimento da aldeia, visto que aquando a sua fixação, Sinagoga já era habitada.

É obvio que, com todas essas explicações pode-se ver que o judeu teve um papel importante ou podemos dizer também excelente no desenvolvimento de Sinagoga, porque essas pessoas, comerciantes, banqueiros, mercadores entre outros, estabeleceram contactos com pessoas distantes, culturas diferentes que acabaram por misturar e fixando nesta localidade.

2.3- ORIGEM DA POPULAÇÃO

Por ser de difícil acesso, devido ao acandilado das rochas que caem em prumos nas costas e vales, o povoamento da ilha de Santo Antão começou tarde, com a entrada do seu primeiro donatário Gonçalo da Fonseca em 1548, ou seja 86 anos após o seu achamento. Os caminhos eram difíceis quase impraticável e por essa razão a deslocação era difícil. Para se deslocar a determinados lugares como por exemplo, da Ribeira Grande ao Paúl, tinha-se que subir ao Pinhão, ao Monte Joana e escalar a majestosa Rocha Grande.

“No séc. XIX foram construídas os caminhos transitáveis para animais que ligam a Ponta do Sol a Ribeira Grande e ao Paúl, e à Ribeira Grande aos Carvoeiros pelo Delgadinho da Corda¹⁴”.

“Em 1859 é autorizada a verba para a construção dos caminhos da Ribeira Grande e Paúl passando por Sinagoga. Neste caso é muito admirado como, é que os Espanhóis ter-se-iam em Águas das caldeiras em 1816, conforme o relatório do Dr. J. Frederico Hopffer, uma vez que os caminhos só apareceram mais tarde¹⁵”.

Como sabemos, Santo Antão foi travessada por terríveis secas e fomes o que levou com que a população diminuísse.

Nos anos 1831 -1833 a fome reduziu à metade a população de Santo Antão sendo esta em 1834 de 13587 habitantes. A população em 1844 distribuía-se em 4551 fogos sendo 291 brancos, 250 escravos e os restantes mulatos e pretos.

Para a aldeia de Sinagoga, a história da origem da sua população parece um pouco controversa, uma vez que, nesta aldeia, segundo testemunhos orais passaram indivíduos de diferentes raças.

Entretanto, a maioria dos testemunhos orais apontam para uma origem judaica do seu povoamento, uma vez que, segundo os relatos dos mesmos esta aldeia pode ter sido descoberto e povoado primeiro pelos judeus. Sem esquecer de referir, que os “judeus passaram por Santo Antão em finais do séc. XIX, onde estiveram em Ribeira Grande entre os anos de 1870 – 1907¹⁶”.

Segundo Agostinho Rocha, no seu livro Subsídios para a história da ilha de Santo Antão «os judeus chegaram à Santo Antão fundaram povoações em Conclui e em Sinagoga, onde em Sinagoga iam fazer as suas rezas, predicas e penitências, onde entoavam hinos liturgicos...», comprova-se isto com a existência de um cruzeiro na localidade, que devido a construção das estradas que liga Ribeira Grande a Paúl infelizmente foi demolido.

Gottfried Stockinger no seu livro Crónicas do Campo II – A ilha de Santo Antão, diz que «em torno de meados do séc. XIX, uma onda de emigrantes, entre muitos judeus de origem portuguesa e francesa, na sua maioria mercadores chegava a Santo Antão, alguns deles adquiriam terras e tornaram aos poucos proprietários de

¹⁴ Revista de Informação Regional Montanha nº1, Julho, 1991, pg 14

¹⁵ ROCHA, Agostinho, Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462- 1983), edição autor com o patrocínio do Ministério da Educação, pg

¹⁶ SERELS, M. Mitchel, Jews of Cape Verde – A brief history, Espies- Hermon press, Inc, Brooklyn, 1997, pg 54

extensos terrenos...». Depois com o tempo e por ser uma aldeia piscatória, novas pessoas começaram a entrar, uns fixando residências outros procurando melhores condições de vida, e outros para a compra e revenda do pescado o que logicamente aumentou o número de pessoas.

Com o cruzamento destes com outras raças que se desconhece, a população foi-se aumentando. Ainda hoje, se desconhece a origem da população de Sinagoga, enquanto uns afirmam ter origem judaica por circular nesta localidade alguns apelidos que dizem ser judeu, para outros podem ser de outra raça qualquer.

2.4- A EVOLUÇÃO DE SINAGOGA

Sinagoga como qualquer outra povoação de Santo Antão teve um começo atribulado devido à sua situação geográfica (costa norte da ilha), principalmente não possuía outros recursos senão os do mar na sua essência.

Os moradores de Sinagoga viviam praticamente da pesca, do comércio e da agricultura, esta com pouca expressão. Ficava um tanto quanto isolado dos restantes povoados e sendo assim, o seu desenvolvimento estava estagnado.

A evolução de Sinagoga, começou muito tarde, mais precisamente na década de 80, aquando da construção da estrada que liga Ribeira Grande e Paúl, empreendimento este que, despoletou o desenvolvimento económico da aldeia, constituindo assim um pólo importante de atracção da população.

Antigamente havia uma estrada, mas que era muita perigosa e não oferecia condições necessárias para o desenvolvimento.

O crescimento inicial da aldeia, consolidou-se progressivamente a partir dos anos 80, essencialmente determinada pelas actividades económicas. O número de habitantes foi progressivamente aumentando o que se pode verificar através do crescimento do número de fogos.

Com a construção da nova estrada, começou a evoluir o tráfego de pessoas e bens, houve necessidade de conseguir espaço para a construção de novas casas visto que a migração de pessoas das zonas altas para Sinagoga foi significativa. Novas ideias surgiram e a povoação começou-se a entrar na senda do desenvolvimento e a valorizar-se as óptimas condições de salubridade que a aldeia e as suas praias oferecem.

Os pescadores que antes utilizavam apenas os remos para fazerem os botes deslocar, passaram a utilizar motores (meados da década de 80). Nas lojas já se pode encontrar produtos de diversos tipos e qualidades e em grandes quantidades, o que permitiu uma redução substancial dos preços das mercadorias.

Os turistas começaram a visitar as suas praias e, isso fez com que, alguns empresários tanto nacionais como estrangeiros interessassem pela zona de Gafaria a fim de construir um empreendimento turístico o que se vier a acontecer fará com que Sinagoga dê o salto definitivo no seu processo evolutivo.

Sinagoga hoje pode gozar-se de ter uma população cuja a taxa do analfabetismo descesse a cada dia que passa e, isto tudo foi possível graças a construção da escola de Sinagoga, que fez com que, os alunos que deslocavam a outras localidades, passassem a assistir as aulas na zona de residência o que veio a traduzir-se no sucesso escolar que hoje os alunos de Sinagoga patenteiam.

As poucas associações existentes e as melhorias possibilidades por uma ligação segura e frequente com outros pontos da ilha e não só, vêm contribuindo para que a população passe a ambicionar a obtenção de um modo de vida, cada dia melhor.

Felizmente, as marcas do desenvolvimento ainda não interferiram no modo de inter-relacionamento social que ainda baseiam no espírito de amizade e inter ajuda e espera-se que medidas sejam tomadas para as preservar.

Hoje Sinagoga, entre outros aspectos evolutivos ressalta à primeira vista é em termos estruturais: a electricidade, a água canalizada, o telefone, a Internet.

Em jeito de conclusão posso afirmar que Sinagoga está no caminho certo que todos esperam, visto que já conta com muito daquilo que geralmente só se vê nos meios urbanos.

CAPITULO III

3- AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS EM SINAGOGA

Não é difícil imaginar que, uma povoação com as características de Sinagoga, seja naturalmente frágil, ou se quisermos, incapaz de possibilitar aos seus moradores condições de vida, capaz de permitir uma subsistência totalmente segura e saudável.

Baseando em informações recolhidas a partir de entrevistas e conversas informais, tentamos descrever aqui, dados que consideramos ser de alguma importância para a análise histórica das actividades económicas desta comunidade e, bem assim, da sua forma de labutar, à busca do sustento de cada dia. Podemos assim perceber que a pesca, o comércio, a agricultura e a pecuária foram desde os primórdios do surgimento desta povoação, as bases económicas que, em torno dos quais, giraram uma incipiente economia de subsistência. Mas, deixamos aqui bem expresso para todos os informantes que, a agricultura e a pecuária desempenharam um papel muito menos expressivo do que a pesca e o comércio.

Se o factor económico é mola impulsionadora das pessoas, não é difícil imaginar as privações múltiplas, que devido a fragilidade deste sector, as pessoas deste povoado terão atravessado.

A pesca, devido ao porto de abrigo natural e à facilidade de acesso aos diferentes bancos de pesca, foi à principio, a actividade económica fundamental, apesar dos constrangimentos impostos pelo isolamento desta localidade como potenciais mercados, podemos dizer que foi a actividade económica chave de Sinagoga.

Com a abertura da estrada que ligou esta zona piscatória mais facilmente aos principais centros populacionais da ilha, houve um desenvolvimento enorme no escoamento do pescado que se fez sentir na melhoria do equipamento de captura e propulsão dos barcos. Entretanto, o comércio acabou por desenvolver-se de tal modo que hoje, quer pela oferta de produtos locais, bem como de artigos de

importação, destacou-se de tal modo que acabou por suplantar a pesca, transformando-se assim na actividade fulcral deste pólo de desenvolvimento em que Sinagoga se tornou e cujo futuro se prevê risonho.

3.1- A PESCA NO GERAL

O termo pesca normalmente, é utilizado para designar toda a actividade de captura de animais e plantas que habitam os meios aquáticos.

Sendo a pesca uma actividade humana, das mais antiga, tal como a agricultura e a caça, o homem pratica-a tendo em vista conseguir produtos necessários para a sua alimentação e obtenção de outros dividendos económicos.

Ela constitui uma importante fonte para a satisfação das necessidades nutricionais, emprego e rendimento para a população de Cabo Verde. A captura de peixes, é exercida na ilha de Santo Antão de modo artesanal e desempenha um papel importante no contexto económico e nutricional dos agregados familiares da ilha.

Ao falarmos do contexto económico da captura do pescado, referimos entre outros, o seu funcionamento como um sector empregador em todas as comunidades onde os pescadores e as peixeiras vêm aumentando as suas actividades. Tem vantagens, por enquanto, de ser menos aleatória que a agricultura e a pecuária.

“No passado, a pesca era executada pelos escravos e dirigida pelos senhores brancos, por isso, que ainda nas zonas de pesca como Porto Novo, Sinagoga, Ponta do Sol, Janela, etc, encontram concentradas perto de lajedos”¹⁷.

“É bem provável que, o exercício da pesca remonta aos primórdios da ocupação do território e que, o consumo de pescado, ainda que em quantidade limitada aos meios de captura próprios de cada época, se tenha transformado progressivamente com o decorrer dos séculos, num importante complemento aos bens alimentares que a prática da agricultura e da pastorícia ofereciam ao homem cabo-verdiano”¹⁸.

¹⁷ ROCHA, Agostinho, Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462-1983), edição autor com o patrocínio do Ministério da Educação, Praia, 1990, pg 20

¹⁸ Reflexões sobre a pesca em Cabo Verde, Secretaria do estado da Pesca, Praia, 1985, pg23

Evoluindo ao ritmo das possibilidades de cada época, terá sido, no entanto, ao longo dos períodos de crise, que a importância da pesca se viu reforçada, ao contribuir para mitigar a fome de pessoas acoissadas pela penúria de outros géneros alimentares. Assim, o mar terá passado a ser visto como uma importante fonte de esperança para o homem cabo-verdiano.

“Porém, seria a partir do séc. XVII que, a importância dos recursos vivos marinhos ganharia mais enfoque, com o início da pesca da baleia, não porque esta actividade tenha resultado em benefício directo para a economia do território, mas por se relacionar com a primeira corrente migratória de cabo-verdianos, no caso vertente, para os Estado Unidos da América¹⁹”.

A pesca, é uma profissão dura, é uma actividade difícil. As pessoas que exercem esta actividade são vistas nos degraus mais baixos da sociedade.

A arte de pescar, ao longo dos anos não tem sofrido modificações profundas, entre as comunidades de captura artesanal, podendo mesmo dizer que as redes, as linhas, os anzóis, os arpões, os pesos, etc, de hoje, podem ser detectadas ao longo da história dos pescadores cabo-verdianos. Entretanto, é notório a evolução das modernas modalidades de captura dos japoneses, coreanos, espanhóis, e outros que feliz ou infelizmente, os nossos pescadores não utilizam.

“Muitas das artes, processos e métodos empregados na captura das espécies aquáticas, são ainda os mesmos e muito semelhantes a outros usados há longos anos²⁰”.

A actividade piscatória, tem constituído uma das principais fontes de rendimento do país. “Com efeito, os mares de Cabo Verde apresentam uma grande variedade de espécies e em enorme quantidade nomeadamente de atum, espécies que com a modernização das frotas pesqueiras e a introdução de novas técnicas de pesca tem vindo a valorizar este ramo de actividade económica.²¹”.

3.1.2- A PESCA EM SINAGOGA

A semelhança do que acontece nas pequenas comunidades piscatória, Sinagoga, a pesca revestiu-se de uma importância primordial no contexto sócio

¹⁹ Idem, Idbem pg23

²⁰ Agencia – Geral do ultramar – cabo Verde- Pequena Monografia, Lisboa, agencia geral do Ultramar, 1970, pg 199

²¹ Idem, Idbem, pg 199

económico desta localidade não só, apesar da exiguidade das suas embarcações, de um restrito leque de aparelhos e utensílios utilizados nesta actividade mas também, da dificuldade em colocar o peixe capturado nos mercados dispersos pela ilha.

Os aparelhos utilizados, como as redes de arrasto e emalhar e outros, reduz a simples e rudimentar acessórios de pesca, que tem por função prolongar e reforçar a mão ou o braço do homem. Entre esses acessórios podemos destacar, os remos, as forquilhas, a vela, a verga, o mastro, o leme com barra equipada com ferragens do sistema macho-fêmea, o motor de popa, etc.

De igual modo, utilizam acessórios diferentes para a pesca: o arpão, os ganchos, o vertedouro, uma corda com pedra para ancorar.

Apesar desses utensílios serem pouco diferenciados, os apetrechos variam conforme as espécies, e deste modo, podemos encontrar, a linha, a rede, a fisga, o arpão, etc, apresentando formas diferentes de pescar.

A pesca nesta localidade é feita por pescadores de lajedos ou pé de pedra e também por pescadores de botes. Os pescadores de lajedos ou pé de pedra utilizam a pesca à cana, que é um aparelho constituído por uma cana de carriço comprida onde se amarra na extremidade superior uma linha cujo comprimento nunca deve ultrapassar a dimensão da cana para possibilitar um manuseamento fácil. Na extremidade inferior da linha prende-se um ou vários anzóis e um pedaço de chumbo, ferro ou pedra, ligeiramente a cima ou logo em baixo do último anzol de modo a possibilitar o impulso e o mergulho rápido da linha. Estes pescadores, nas praias ou lajedos onde os anzóis não se engatam com facilidade, utilizam também linhas de arremesso que é constituído por uma linha mais ou menos comprida, fio este que possui um peso de lançamento e em cima deste são fixados um ou vários anzóis. Estes pescadores utilizam ainda pequenas redes de emalhar e de arrastos que, apesar de ser uma actividade de execução difícil, eles utilizam com uma certa dificuldade em zonas que conhecem bem e por isso, lhes possibilita cuidar destes equipamentos que são geralmente de aquisição e conservação difícil para as suas reduzidas posses.

Os pescadores de bote servem-se de uma vara curta para a captura de pequenos pelágios utilizados como isco, mas também, quando não têm redes, utilizam estas e outras mais compridas, para capturarem pelágios grandes e demersais em águas de pequenas profundidades. Para a pesca corrente os pescadores de bote utilizam a linha de profundidade que geralmente encontram-se

enrolados em molhos e cuja grossura e comprimento depende do tipo de pescado que se pretende capturar, mas também da profundidade que se pretende atingir. Esta linha é equipada com um peso capaz de combater a corrente no pesqueiro pretendido e é fixado na extremidade da linha. Em cima do chumbo, fixam-se os anzóis cuja quantidade e tamanho dependem também do tipo de pesca que se pretende efectuar. Nos botes utilizam-se também as redes de emalhar que são lançadas em zonas de passagem dos cardumes e as redes de arrasto costeiras e de alto mar que são utilizados para cercar aglomerações de peixes, devidamente localizados. De salientar que o lançamento das redes obedece ao sistema de “junta mon” e que se prolonga na distribuição do dividendo, cabendo assim, uma parte a cada bote participante. Caberá aos pescadores de cada bote definir a quantidade de peixe que caberá a cada um deles, depois de se retirar as despesas e a porção do bote e do motor respectivo. Se um bote for sozinho para fazer o lançamento de rede, esta embarcação levará uma tripulação que oscila entre 8 e 10 pescadores com a idade compreendida entre os 25 e os 40 anos.

O pescador de alto mar, serve-se ainda de um instrumento denominado fisga que é constituído por um cabo de madeira e um tipo de vareta na ponta e visa auxiliar a captura de peixes grandes – peixes lutadores. Nalguns botes a fisga é substituída pelo gancho que tem também um cabo de madeira e a parte de ferro tem a forma de um anzol enorme e que para além de desempenhar o papel da fisga, ajuda a meter os peixes de grande porte nos botes e embarcações de grandes toneladas, e finalmente o arpão que é emprego na captura de grandes peixes e crustáceos, e o tamanho varia em conformidade com a dimensão do peixe a ser arpado.

A falta de um porto bem protegido obriga os pescadores a arrastar os seus botes na terra depois de cada pesca, factor que determina a definição do tamanho dos botes de pesca, que não podem superar 3,5m a 6m. Os pontos de desembarque são limitados àqueles lugares, onde a exposição da costa permite o arraste dos botes com relativa segurança.

“Na costa leste como Sinagoga, os ancoradouros são significativos e sobretudo maus por causa da agitação do mar ou da maresia, que ali dura quase

todo o ano. Por isso em Sinagoga apenas fundeiam lanchas costeiras em três a quatro braças²²”.

Em Sinagoga a actividade piscatória é praticada graças a existência do único porto natural designado «Praia de Bote». No que diz respeito a Ponta do Sol este é efectuado na Boca da Pistola, sendo esta situada junto de uma rocha baixa perto das casas que corte uma grande extensão, formando um canaleta muito estreito.

“Quando o mar é mau na Ponta do Sol parece que a boca da Pistola (porto de desembarque da P. da Sol) redobra de fúria, tornando por isso impossível a comunicação da terra com o mar, tornando o porto ruim no tempo da maresia²³”. Quando a maresia é alta em Sinagoga é quase impossível o desembarque dos pescadores e este é efectuado no Paúl onde há um cais que indica o ancoradouro facilitando o arraste. Para muitos dos pescadores a pesca é uma actividade sobrevivente, e a principal fonte de rendimento, procurando nela alimentos e ganhos para o sustento a família.

Muitas vezes o peixe é vendido em outras localidades da ilha, onde o peixe aparece como raridade na alimentação daquelas gentes pobres do interior.

Os pescadores utilizam alguns sistemas de pesca, como a pesca a noite em que estes saem á tardinha e voltam no dia seguinte pela manhã.

Neste tipo de pesca, as espécies capturadas são a fassola, o barbo entre outros. Para além da pesca a noite, faz-se também à pesca durante o dia que é destina á captura de outros peixes como o atum, a garoupa, etc.

3.1.3- ACTIVIDADE DE PESCA

Em 2003 existia em Sinagoga 21 pescadores em regime de exclusividade, mas esse número vem aumentando, depois de uma baixa verificada em 2000/01, tendência esta que, conforme conseguimos apurar no terreno continua a verificar-se este ano, pelo que o número de pescadores andarà à volta dos 25.

A faixa etária dos pescadores que vem laborando em Sinagoga está compreendida entre os 21 e os 72 anos, mas a média é de 34 anos. A faina é

²² BARCELOS, Senna, Roteiro do Archipelago de Cabo Verde, Lisboa, Tipografia Regional, 1882, pg66, 67

²³ Idem, Idbem, pg 63, 64

praticada com botes de madeira de boca aberta com dimensões entre 3,5 a 6 metros de comprimento, e 1,8 metros de largura, de fabrico local, tripulados normalmente por 2 à 4 pescadores.

A maioria dos botes são tripulados por pessoas ligadas por relações de parentesco muita próxima, e outros são tripulados pelo dono.

Os botes desta área pesqueira capturam, como já referimos anteriormente os diferentes tipos de demersais capturados geralmente nos mares de Cabo Verde, grandes pelágios, com destaque para o atum e o ilhéu mas o grosso da pesca recai fundamentalmente sobre os pelágios capturados geralmente a rede.

De entre os pelágios de pequeno porte, a cavala assume um papel destacado, não só pela grande quantidade da sua captura mas fundamentalmente por ela constituir uma fonte tradicional e significativa de proteína animal, de grande teor. Podemos dizer mesmo que, o consumo deste peixe vem contribuindo de modo significativo para o equilíbrio nutricional não só das famílias de Sinagoga mas também da ilha de Santo Antão no seu todo, visto que, os produtos de origem animal são escassos.

Muitas vezes, o tamanho e a fragilidade das embarcações não permite aos pescadores aventurarem-se por bancos de pesca mais distantes, devido a inexistência de condições para o aprovisionamento e também por razões de segurança.

A dimensão dos botes mais pequenos que normalmente abrange os 3,5 a 4 metros, o seu raio de acção destes é muito limitada. Por isso, o afastamento máximo da costa por eles atingido é de 3 milhas, e segundo pescadores, quando esta média é atingida por uma questão de segurança, é costume os botes ficarem em grupo, ou seja, uns perto dos outros. Portanto, regra geral, a pesca é feita muito perto da costa. A pequena dimensão dos botes está ligada as condições naturais do único abrigo «arrastadouro». Sempre que o mar está alto, os pescadores são obrigados a arrastar os seus botes o mais afastado possível do arrebentamento das ondas e os mesmos por maior segurança são amarrados às rochas com medo do mar os apanhar ou os quebrar com a sua fúria.

Apesar de alguns constrangimentos motivados pelo tamanho, três embarcações de 6 metros dedicam-se a pesca nos ilhéus de Santa Luzia, utilizando velas e motores de 15cv.

3.1.4. CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS

“O sector das pescas ocupa um lugar preponderante na economia de Santo Antão, não só por constituir uma fonte importante de emprego e de receitas para muitas famílias, como também por contribuir significativamente com proteínas de origem animal para a população da ilha²⁴”. Apesar do valor nutritivo do peixe e a sua importância na alimentação das pessoas, a actividade pesqueira não tem conseguido alcançar o papel relevante que teve no passado e de modo particular em sinagoga.

Sendo a Ilha de Santo Antão de origem vulcânica, e com uma plataforma bastante reduzida, o mar em redor da ilha é muito profundo. Entretanto, existe grandes bancos de pesca a sua volta, alguns bastantes afastados, constituído por cabeços submersos que desenvolveram condições óptimas para abrigar e possibilitar a captura de peixe. Em termos do pescado, a ilha encontra-se na zona de percurso migratória de atum, Atlântico Norte , Atlântico Sul com concentrações importantes entre Julho e Novembro.

Nos mares de Sinagoga é muito frequente a pesca de alguns pelágios como: os costeiros (chicharro, cavala); espécies demersais (garoupa, sargo, moreia, goraz); grandes pelágios (atum, serra); mariscos: lagostas, polvo, percebes, etc.

Para a pesca de tunídeos, sobretudo nos períodos das migrações durante os meses de Julho à Novembro, como já tinha referido, os pescadores utilizam a linha a mão e o isco morto. O factor da isca tem limitado de certo modo a pesca destes grandes pelágios pelo que o desenvolvimento futuro desta pesca depende principalmente da sua realização com isca viva. A isca é pouco abundante e difícil de capturar, o que muitas vezes origina a perda de tempo na sua procura em Sinagoga. Os pescadores utilizam principalmente a cavala e o chicharro como isca para a captura de grandes pelágios. Para além destes, utiliza também o caranguejo, o polvo e outros que são utilizados fundamentalmente na captura de demersais.

Alguns pescadores pela sua experiência, conseguem pescar cavalas e peixes voadores colocando nos anzóis, pequenas tiras de plásticos transparentes ou penas de galinhas, mantendo o anzol em constante movimento de vaivém. Conseguem alguma isca para a sua actividade.

²⁴ Instituto nacional do desenvolvimento das Pescas, INDP, Estudo do sector da pesca artesanal, A ilha de Santo Antão , Dezembro , 1999, pg 9

Aqui, como em todo o lado, a faina da pesca depende muitas vezes da maior ou menor disponibilidade da isca, que muitas vezes apresenta problemas difíceis de superar para os nossos pescadores que têm vindo a praticar quase exclusivamente a pesca à linha, uma vez que, quando não há isca não vão à pesca. Nestas circunstâncias, só se pode pescar à rede de arrasto ou emalhar.

Apanha da isca é feita entre as 4 e 5 horas da madrugada, ou entre as 8 e 9 horas da noite, e segundo eles, não é uma tarefa fácil.

Segundo informações colhidas no terreno, para o melhoramento da falta da isca, os pescadores de Sinagoga e da Ponta do Sol, compram cavalas frescas ou congeladas. A isca assim fornecida, não obstante significar um grande esforço dos pescadores em minorar o problema, segundo a opinião deles, “apenas constitui uma alternativa de remédio, já que a isca fresca aumenta sensivelmente as possibilidades de captura”²⁵. Antes, para solucionar o problema, o governo criou a SCAPA (sociedade de comercialização e apoio à pesca artesanal) sendo o objectivo principal desta empresa estabilizar o mercado, garantido o preço mínimo aos pescadores. Igualmente foi criado um sistema de fornecimento de materiais, como motores e peças aos mesmos²⁶. Tudo isto para apoiar a pesca artesanal, alguns dos pescadores proprietários da localidade foram beneficiados.

No entanto não deixaria de mencionar a prática da pesca com explosivos dirigida a pequenos pelagios, que não deixa de ser preocupante para a comunidade e para a pesca no geral. Trata-se de um método de pesca altamente nocivo para a flora marinha, afectando as possibilidades de sobrevivência de espécies sedentárias e consequentemente as condições sócio- económicas da população.

3.1.5- COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO

A comercialização do pescado em Sinagoga desempenha um papel importante: por um lado o peixe é vendido na própria localidade e por outro é vendido fora.

²⁵ Depoimentos de alguns pescadores de Sinagoga sobre o problema da isca

²⁶ Cabo Verde, Dez anos de Desenvolvimento, éditions deboisse, fundo de desenvolvimento nacional, pg 111

A comercialização do pescado é praticado em primeira-mão pelos próprios pescadores no porto de desembarque, onde afluem as

vendedeiras que são as principais responsáveis pela distribuição do pescado tanto nas vilas como também no interior da ilha, em lugares como Ribeira da Torre, Paúl, Lombo Branco entre outros.

As vendeiras compram ou tomam a crédito pequenas quantidades de peixe para revenderem. Cada vendedora normalmente tem um lugar ou zona própria onde vende o peixe, andando de porta em porta com tinas de plásticos a cabeça.

Essas peixeiras muitas vezes queixam-se da concorrência que lhes é feita por outras vendeiras provenientes de Ponta do Sol e outras localidades piscatórias da ilha, apesar do pescado de Sinagoga se apresentar sempre em condições.

Esta operação é garantida por cerca de cinco peixeiras a tempo inteiro e mais quatro que levam a cabo esta tarefa, quando dispõem de oportunidade.

Hoje em dia às vezes quando a pesca é abundante o peixe é vendido pelo próprio pescador, em carrinhas, pelas diferentes localidades.

Os peixes obedecem a seguinte tarifa:

- Para as espécies de pequenos pelagios o preço no porto é de 80\$00 um quilo enquanto que a revenda custa 100\$00 um quilo.
- As espécies demersais um quilo é 120\$00 no porto e a revenda é 150\$00.
- O atum, a serra no porto custa 200\$00 e a revenda custa 250\$00²⁷.

Quando há excesso do pescado ou quando as embarcações chegam da pesca já no fim dia, por falta instalações frigoríficas os pescadores distribuem o pescado para a comunidade o que muitas vezes acontece, o que causa graves transtornos aos pescadores. Estes prejuízos somados aos dos dias de captura reduzida, geralmente leva o pescador a acumular dívidas com a isca, o combustível, alimentação e outros. Esta situação dificulta ainda mais a vida familiar e profissional destes.

²⁷ Entrevista gravada em Sinagoga com as vendeiras do pescado

3.1.6- EMBARCAÇÕES DE PESCA

Neste momento, Sinagoga, dispõe de dez botes, sendo um com rede de emalhar outros nove que se dedicam a pesca à linha. É de notar que estes dados estatísticos são válidos prevalecem conformes com a localidade actual.

O estado de conservação dos botes nesta localidade pode ser considerado bom o que deve ao facto da construção e reparação dos botes serem feitas por carpinteiros residentes.

Segundo informações de um carpinteiro que também é pescador, existe uma grande diversidade de tamanho entre as embarcações, de formas e capacidades. Ainda segundo ele, os botes das ilhas de Barlavento são maiores e mais largos do que os botes das ilhas de Sotavento. A dimensão média dos botes de Barlavento é de 6 metros de comprimento e 1,50 metros de largura, sendo a construção robusta e bem concebida. “Nas ilhas de Sotavento, o bote já é mais leve e de construção menos sólida sendo a dimensão média de 4,30 metros de comprimento e largura de 1,10 a 1,30 metros”²⁸.

Dos dez botes existentes de Sinagoga três utilizam velas e os restantes utilizam o remo e o motor de popa.

O método de construção é tradicional e adaptado aos materiais disponíveis em outras localidades. Sendo assim o bote possui a seguinte estrutura:

a)A quilha – é confeccionada em mogno onde geralmente duas peças são emendadas a «todo o comprimento» com uma largura de 30mm e espessura de 70mm em média. A quilha é reforçada em baixo a todo o seu comprimento, por uma peça de madeira de espinho preto de 30mm x 30mm chamada falsa-quilha ou sub-quilha que por vezes substituído por uma peça de ferro espalmado, pois tem a função de proteger a quilha aquando do arrasto do bote na praia;

b)A popa – é igualmente constituída por uma peça de madeira de espinho preto vertical que se fixa a trás da quilha por uma sambladura complementado por uma braçadeira de ferro que na parte alta tem uma secção de 70mmx 40mm, e em baixa de 140mmx 30mm, onde se fecha a popa do bote com tábuas transversais que se ligam a peça de espinho e as ultimas, cavernas laterais o que fecham o bote, atrás da popa fixam-se ferragens de sistema macho-fêmea de suporta e manuseio do leme;

²⁸ Depoimento de um carpinteiro em relação ao tamanho dos botes das ilhas de barlavento e das ilhas de sotavento.

c) **A proa** – também de espinho preta, é construída de uma só peça de madeira de 0,90 metros a 1 metro, cuja parte alta tem uma secção de 95mm x 45mm e a parte baixa 105mm x 30mm; que se liga à estrutura das cavernas do bote através do tabuado.

d) **Cavernas** – peças verticais curvas em pinho branco, ou figueira, fixada na parte interior da quilha por pregos galvanizados a uma distância de 180 mm a 200mm, possuem uma largura de 35mm, e espessura de 40mm, e têm a função de segurar o tabuado do função do fundo à borda do bote, impondo as tábuas em obediência a uma estrutura previamente traçada.

e) **Tabuadas** – em pinho-branco ou pinheiro vai da proa à popa e conjuntamente da quilha a borda em altura, ajudam a assegurar a rigidez longitudinal e lateral do bote. O conjunto de tabuadas na parte de trás chama-se «popa»;

f) **Os bancos** – em mogno ou pinho-branco, e em número de quatro, apoiam-se em dormentes construídos de peças de madeira que contornam todo o bote interiormente e seguram as cavernas. Os bancos complementam e asseguram a solidez transversal do bote.

Estes são conforme três carpinteiros de botes as partes fundamentais de qualquer tipo de embarcação.

3.1.7- CUSTO E RENDIMENTO DAS EMBARCAÇÕES

Tendo em vista que o custo e o rendimento das embarcações variam de lugar para lugar, tivemos a preocupação de fazer uma comparação entre os preços dos botes praticados na comunidade de Sinagoga por comparação, e os custos dos mesmos na vila de Ponta do Sol com referência com Ponta do sol do comprimento dos mesmos.

Segundo informações de um carpinteiro de bote, quanto a Sinagoga os botes de 5 metros de comprimento custam 100.000\$00, os de 6 metros 130.000\$00, e os de 7 metros custam 150.000\$00, enquanto que na vila da Ponta do sol os preços já são menores em relação a Sinagoga, em que os botes de 5 metros de comprimento custam 85.000\$00, os de 6 metros 96.000\$00 e por fim os de 7 metros custam 145.000\$00.

No que diz respeito a forma de distribuição dos rendimentos, procede-se do seguinte modo:

Pesca a linha:

-Primeiro tira-se as despesas tais como combustível e da isca, e depois o resto da captura são distribuídos pelos pescadores por partes iguais, uma para o dono do motor, um para o dono da embarcação e outra para cada pescador. É de realçar que muitas vezes o dono da embarcação é também o proprietário do motor, cabendo – lhe assim duas partes.

Rede de emalhar com bote ou sem bote:

-Retiram-se as despesas do combustível e depois divide-se em partes, tocando uma parte para à rede e as outras aos pescadores. Mas se a malhagem for feita sem bote, divide-se o resultado da captura, cabendo uma parte à rede e a outra aos pescadores. Com a rede de arrasto o procedimento é idêntico ao da rede de emalhar, com ou sem bote.

Quando a pesca é boa, os pescadores reserva um fundo para prevenir os dias em que o rendimento não compensa as despesas.

Em Sinagoga cabe ao bote de pesca uma parte igual à dos pescadores, por isso, o bote é visto como um capital da família que o possui. Quando o proprietário é pescador, ele para além da parte do bote, usufrui também de uma parte enquanto pescador. A maioria dos botes são tripulados por pescadores pertencendo ao mesmo agregado familiar (pai, filho, irmão), e neste caso a captura apresenta-se sempre como receita familiar.

Quando o pescador proprietário sai para o mar com um marinheiro que não pertence a seu núcleo familiar, se o pescado for pouco o direito de compra de todo o pescado será da esposa do dono do bote.

Sendo assim o dinheiro que a mulher do dono recebe vai constituir mais um elemento de receita da família do pescador proprietário. Se a pesca for boa, a compra e venda do peixe é repartido entre a esposa do proprietário e as dos outros pescadores.

O bote representa um bem individual de cada família ao mesmo tempo uma pertença da própria comunidade.

3.1.8- MOTORIZAÇÃO

O motor de popa que substituiu os remos e reforçou as velas que verificou-se nos anos 80, e hoje a maioria dos botes utilizam o motor, mas uma quantidade ainda significativa usa os remos.

Em relação a motorização, verifica-se que de 2002 a 2004 não ocorreram alterações. Do total dos botes existentes, 6 usam motores e os outros operam sem motor. No entanto podemos afirmar que o estado dos motores em Sinagoga é semelhante à Ponta do sol ou seja regra geral os motores estão em fim de vida útil.

A reparação de avarias leves dos motores faz-se geralmente na própria localidade, mas circunstâncias há, em que os concertos só podem ser efectuados na Ponta do Sol, Porto Novo e até mesmo em São Vicente.

A capacidade do motor que será utilizado em qualquer embarcação é estipulado pela autoridade marítima.

A pesca artesanal é um sector onde nos últimos tempos tem-se verificado alguns acidentes incluindo, a perda de vidas humanas. Nos últimos 15 anos, aconteceram dois acidentes com embarcações de Sinagoga, em lugares diferentes, em que dois pescadores perderam a vida.

Hoje, o progresso conseguido na motorização dessas embarcações tem encorajado os pecadores na movimentação crescente deste tipo de embarcações entre algumas localidades da ilha.

Mas, podemos constatar que, a motorização não é o único problema, assim sendo torna-se necessário equipar um bote antes de se fazer ao mar, com materiais tais como: sinais de mão de luz vermelha, vasilha com água, bussúla entre outros equipamentos. Entretanto, o motor não dispensa de modo algum a vela e principalmente os remos.

Segundo um pescador, as preocupações acima mencionadas, fazem com que as embarcações corram menos riscos caso venham a ser surpreendidas por qualquer eventualidade, evitando assim sérias preocupações aos marinheiros, ás autoridades marítimas e as famílias.

3.1.9- MATERIAIS E ARTES DE PESCA

Os materiais de pesca de diversas categorias, tamanhos e qualidades podem ser adquiridos em diversos pontos, como por exemplo, junto ao porto de pesca, nalgumas mercearias, cooperativas e na representação local do INDP, que vende materiais a grosso aos retalhistas e estes encarregam-se de os colocar no mercado.

Em Sinagoga, podemos encontrar materiais de pesca de acordo com o tipo de pesca que se pretende efectuar.

Quanto as artes de pesca, a maioria dos pescadores utilizam a linha a mão (pesca a linha) para a pesca de peixes como pequenos pelagios, demersais e atuns. Ela, é praticada normalmente com linhas e anzóis e é simples sendo, alguns fabricados pelos próprios.

Também, se utiliza materiais nas artes de pescas e, estes vão desde os artefactos mais simples até aos aparelhos e artes mais complexos. Para isso, são possíveis de incorporar, primeiramente, numa parte da arte que é efectivamente a capturante, ou seja, aquela que na realidade apanha o peixe e, seguidamente, numa outra que são seus acessórios. “A todo este conjunto de materiais os da parte capturante e os acessórios se designam por armamento (arte) da embarcação”²⁹. Os materiais utilizados normalmente em Sinagoga são seguintes: as redes, os cabos, as bóias, os ganchos, os anzóis, as linhas, as varas, entre outros.

Na construção de todos esses materiais, utiliza-se hoje em dia grande variedade de matérias primas, cujo conhecimento e utilização é de grande importância para as artes de pesca, como sejam as tradicionais:

- Cortiça, madeira, borracha, chumbo, pedra, aço, têxtil (linho, algodão sisal...), e muito recentemente o moderno material sintético (nylon, terylene, etc).

3.1.10- ORGANIZAÇÃO DOS PESCADORES DE SINAGOGA

As actividades do mar exigem dos pescadores formas de organização em todas as fases do seu trabalho. “Não somente quando no mar fazem corpo com o barco para enfrentar os elementos naturais e conseguir a captura, mas na preparação

²⁹ Reflexões sobre a pesca em Cabo Verde, Secretaria de Estado da Pesca, Praia, 1985, pg 392

da saída, no retorno a terra, e até na repartição dos produtos da pesca”³⁰. Como já foi mencionado, o pescador em relação a outras profissões se situa no ponto mais baixo da sociedade, onde os problemas que enfrenta são muitos e de ordem diversas. À semelhança dos outros grupos profissionais organizados os pescadores poderão criar soluções para minimizar alguns desses problemas e tirar assim melhor rendimento da pesca. A ajuda mútua entre os profissionais deste sector e, em especial dos pescadores, permitir-lhes-ao procurar a melhor forma de ultrapassar as suas dificuldades.

Os pescadores, unidos à volta de uma associação ou de uma cooperativa poderão, progressivamente, assumir actividades ligadas às suas necessidades profissionais, mas também tornar-se-ao uma força activa na resolução de questões ligadas às suas comunidades, uma vez que, reunidos poderão debater, analisar melhor os seus problemas e encontrar soluções mais apropriadas.

Quando ligadas às necessidades profissionais relacionados com o mar, estes em conjunto sob a forma de reuniões tentam procurar soluções para os problema da faina. Quando se trata de pescarias nas regiões de Santa Luzia e ilhéus (deserta) um pescador só, não pode tomar as decisões, porque estas, terão que ser analisadas em conjunto, resoluções essas que às vezes estão ligadas ao tempo do clima e a alimentação, entre outros. Mas nem sempre as decisões tomadas em grupo são as correctas porque o factor clima é imprevisível e por isso, as vezes eles são surpreendidos pelo mau tempo que põe em risco embarcações e vidas.

Alguns pescadores compreenderam que a organização é importante para lidar melhor com as suas dificuldades e decidiram criar não uma cooperativa mas sim uma Associação de Pescador

A Associação dos Pescadores de Sinagoga foi criada em 2002. O seu grau de organização não é muita satisfatória porque nem todos os pescadores aderiram a essa associação. Em relação as mulheres peixeiras houve uma tentativa de constituição de uma associação mas problemas de caracter organizativo inviabilizaram tal iniciativa.

³⁰ Idem, Idbem, pg 339

3.1.11- O PAPEL DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO DA PESCA

Com sabemos a família cabo-verdiana teve a sua origem no cruzamento de elementos biológicos e culturais diferentes. A própria formação das sociedades Caboverdiana fruto de uma miscigenação, é um elemento que se deve ter em conta no estado de qualquer fenómeno social Cabo-verdiana.

O processo de povoamento das nossas ilhas não foi uma tarefa fácil para os colonizadores que tiveram de enfrentar factores desestimulantes que perturbaram a sua implementação. Por falta de mulheres brancas os colonos tiveram que unir às mulheres negras, dando assim origem à mestiçagem cabo-verdiano.

Cabo Verde foi marcado por grandes secas prolongadas que se faziam sentir e as pessoas foram obrigadas a deslocarem-se para as zonas de maior concentração populacional à procura de emprego, o que terá levado algumas famílias a desagregarem-se.

Mais tarde, surge a emigração masculina que obrigou o pai da família, por razões de ordem económico a procurar noutros países formas de sustentar a si e a família. Esta situação fez com que a família ficasse entregue ao cuidado da mãe com consequências visíveis a nível da educação dos filhos e no status da mulher.

Em Cabo Verde, várias são as mulheres que desempenham o papel de chefes de família. A média das mulheres chefes de famílias é mais elevada que a dos homens em Santo Antão. A maior parte das mulheres chefe de famílias possuem baixo nível de escolarização e muitas delas são analfabetas, o que faz com que, a sua situação torna-se mais complicada, pois são as mais vulneráveis social e economicamente. Tudo isso, vem fazendo com que a mulher passe a constituir elemento indispensável e fundamental no desenvolvimento social.

Apesar de uma certa luta pela emancipação, a mulher ainda tem dificuldades em ver os seus direitos respeitados e de ser reconhecida como sendo capaz de se igualar-se ao homem, de assumir determinadas responsabilidades sejam elas de que natureza for. Em muitas sociedades, as mulheres são rejeitadas e outras veneradas, ou seja umas são integradas e outras são excluídas.

Hoje, a mulher vem ocupando lugar de destaque no meio social, cultural e política, lugares esses ocupados durante muito tempo somente pelos homens. Encontramos mulheres a desempenharem funções em áreas como a saúde, educação, justiça, aviação, construção civil, pesca.

A mulher teve necessidade de se libertar das «garras» do homem e essa luta de libertação desenvolveu na mulher uma certa consciência de que era necessário provar ao homem que, ela é capaz de desempenhar qualquer tarefa. Os trabalhos de casa como cozinhar, lavar, educar, limpar, não eram valorizados porque não vinham directamente para o mercado.

No sector das pescas, o trabalho da mulher vem para o mercado de troca, vendendo mercadorias. Em Sinagoga a mulher actua na área do sector da pesca onde o seu peso é de maior relevo na comercialização do pescado. Algumas vezes as mulheres que se dedicam à venda do pescado são mulheres dos pescadores, mas a maior parte nada tem a ver com o pescador. Buscam o seu sustento e o dos filhos nesta actividade.

“A procura do sustento para a família transforma-se numa verdadeira luta, normalmente, o valor apurado nesta actividade mal chega para a satisfação das necessidades básicas”³¹.

A actividade das vendedeiras é considerada, uma actividade difícil, porque, têm que fazer longas caminhadas para se chegarem ao local de venda, percorrendo nos dois sentidos a distância Ribeira Grande, Sinagoga, por exemplo. Essas caminhadas são muitas vezes feitas a pé e com o pescado à cabeça.

Normalmente, o caminho é tão longe que o pescado deterioriza-se e já não se vende o que lhes terão enormes prejuízos. Outras vezes, o mercado está tão cheio que não acham compradores e vendem o pescado a preços muito baixo o que constitui outra forma de prejuízo.

Em algumas zonas, onde há empresas de conservas, a mulher trabalha em todas as secções, desde o tratamento do pescado ao enlatamento e fabrico de embalagens. Mas há sempre discriminação sexual em termos de salários. As mulheres ganhem menos que os homens na execução das mesmas tarefas ou em tarefas diferentes mas equivalentes.

Segundo uma entrevista conseguida em Sinagoga, o que leva a mulher entrar para o mercado de trabalho, principalmente para o sector das pescas, é a situação de dificuldades familiares que enfrentam muitas vezes tanto as mãe solteira como as mulheres casadas, separadas, ou viúvas que procuram assim o sustento para a família.

³¹ Entrevista gravada em sinagoga, Setembro de 2004

Contudo, apesar de todas essas dificuldades, a mulher tem sabido desempenhar um papel importante na sociedade e no seio da família com resultados palpáveis a nível da sobrevivência dos filhos.

Ainda, segundo os depoimentos de algumas pessoas há uma certa necessidade da mulher se conhecer e se valorizar a si própria e se dê a conhecer aos homens, exigindo de forma positiva o seu lugar de pessoa no mundo em que vivemos.

3.1.12- A PESCA NOS ILHÉUS E O APANHO DAS CAGARRAS

Como é hábito os pescadores de sinagoga, vão pescar noutras ilhas do arquipélago, mais propriamente dito na ilha de Santa Luzia, nos ilhéus Raso e Branco, de onde, em épocas próprias trazem o esplêndido peixe de deserta e a cagarra, ave de rapina marinha, muita gorda e por muitos apreciada quando assada em brasas ou cozinhada.

Segundo Agostinho Rocha no seu livro “Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462- 1983)”, quando os pescadores no regresso da faina distribuem o peixe em latas no lajedo ou no desembarcadouro. O pescado é conduzido para o interior pelas matreiras, mulheres encarregadas da revenda as quais vão animadamente fazendo o reclame “peixe fresco, peixe fresco”.

Com base numa entrevista feita aos pescadores de Sinagoga, ficamos a saber que é inevitável falar na pesca da deserta sem falar de ilustres mestres e marinheiros que noutros tempos enfrentavam o mar no caminho para a Deserta, nos botes de boca aberta, à vela desafiando o destino atrás do sustento. Relembra-se dos senhores Antoninho de Rosa, João de Maria Rosário, Antoninho Constança, José Martinho, Nhô Domingos, Tidê, Gil e outros mais corajosos, que não iremos enumerar, porque são muitos que em tempos e ainda hoje continuam a desafiar o mar, proporcionando momentos de muita alegria e camaradagem a muitos santantonenses num animado caldo de cagarra.

Mas infelizmente, pesca na Deserta não é um mar de rosas e pois ficamos a saber da boca de Nho Domingos ou senão Paizim, grande mestre em navegar, com conhecimento de marés, dos canais perigosos tudo sobre deserta.

A pesca na Deserta já é uma tradição que encontra-se com as pessoas mais antigas e, tem este nome, porque é uma pesca feita num deserto, em que cada pescador compra tudo o que é necessário para a estadia (anzóis, comida, linha e outras coisas). Assim se foram 12 todos têm de comprar os mantimentos completos (milho, açúcar, café torrado, bolacha,).

Feita nos meses de Julho até fins de Dezembro. Param, por altura das festas natalícias e depois continuam a pesca normalmente em Sinagoga. Mas, actualmente é feita apenas nos meses de Outubro à Dezembro. O trajecto era feito apenas a vela e remos, motores recentemente. Durante alguns dias paravam pelo caminho nas zonas costeiras de São Vicente (Salamansa e Baía das Gatas). Vinham de porto em porto, mas quando havia bom tempo içavam a vela e vinham directamente até Sinagoga.

Apanhavam muitos castigos e desgostos com o mar, mas agora com motores tudo é mais fácil. Faziam escala em Calhau e nas costas da ilha de Santo Antão. Remavam muito e era impossível resistir tanto tempo a remar. Demoravam três dias na costa de Santo Antão e quando o tempo não permitia levavam os botes para Porto Novo. Com a introdução do motor apenas demoram oito horas. Sempre os botes saíam com uma salve rainha e ainda hoje se fazem isto. Cantam Nossa Senhora da Penha quando avistam Penha de França, em cima da Janela, a Nossa Senhora de Piedade e quando atravessam boi cantam a Nossa Senhora da Luz e no regresso cantam a Nossa Senhora da Lâmpada, em Santa Luzia cantam a Santa Luzia e quando aproximam do “djeu” cantam a Nossa Senhora da Luz. Depois continuavam com as mesmas quando partiam no regresso a casa.

Um dos bote que ainda faz o trajecto é a Santa Teresa, construída em 1977 sempre recebendo remodelações, portanto conta actualmente com 28 anos de idade. Pertencendo ao proprietário e pescador Nuco que foi muitas vezes a deserta. Segundo este, antigamente a viagem para a deserta começava no mês de Março para o Ilhéu Branco porque a quantidade de peixe existente neste sítio era abundante, mas com o tempo o peixe diminuiu principalmente a “ruta”. Mas a viagem continuava, antes faziam dez viagens num ano mas agora é apenas três. Ainda segundo o mesmo é conhecida por deserta porque fica muito longe e é desabitada.

Quando iam a deserta, em Santa Luzia dormiam numa pequena festa com “**Bailes de Lata**” Lá haviam pastores que traziam um cabrito e faziam uma canja e

no dia seguinte partiam conforme a maré, fosse ela boa ou má. Se fosse boa iam por cima do Ilhéu Branco e se fosse má iam pelo sul do Ilhéu Branco, rodeavam todo o Ilhéu e iam para o Ilhéu Raso, onde a quantidade de peixe que apanhavam era demasiada.

É uma pesca que não compensa totalmente o esforço. Mas como é uma tradição, onde durante esses dias Sinagoga recebe pessoas de todas as zonas da ilha, até pessoas que não sabem de onde são no dia de arrastar os botes de deserta, o que é certo todos ajudam.

Quando vinham sem motor faziam soar uma buzina, caso chegassem de noite e estivesse escuro, as pessoas ouviam e vinham ajudar no arrasto.

De uma conversa que tivemos com Tidé, a pesca na deserta quer dizer que iam passavam alguns dias, salgavam os peixes e depois vinham com os famosos peixes de deserta.

Começando a aventura com vinte e dois anos de idade, seu pai ia sempre e um dia perguntou-o o que significava toda a canseira. Seu pai não queria leva-lo e pediu ao Sr. Antoninho de Rosa que o levasse como passageiro. Quando Antoninho de Rosa viu que Tidé estava mesmo ansioso de conhecer o caminho, ele resolveu leva-lo. Foi a primeira viagem que Tidé estava fazendo como passageiro. Chegando ao canal de Santa Luzia, este achou a travessia cansativa em botes de boca aberta e perguntou se já iam chegar e disseram para ele que ainda tinha mais de três canais para atravessar começou a desanimar mas logo chegaram ao Ilhéu Raso, perguntando onde ficava Santo Antão. Disseram para ele que Santo Antão ficava lá em cima, e viu ondas enormes no canal do Ilhéu Raso e perguntou de novo, como iriam regressar.

Desde então continuou sempre no caminho da deserta e tudo tem corrido bem. Apanhando um pouco de amargura, remando bastante mas enquanto durou valeu a pena.

A primeira vez conseguiram chegar em Sinagoga às dez horas da noite foi uma animação, todos vinham “colando boi” e quando passaram do Ilhéu do Boi tudo ficava animado.

Em 1980, um dos botes que fazia essa travessia perdeu, os doze marinheiros escaparam porque outro bote virou a boca para água permanecendo neste estado durante um dia. Os marinheiros conseguiram virar o bote trouxeram-na para a terra e, quiseram vir no mesmo bote para Sinagoga, mas como as pessoas estavam

preocupadas enviaram dois rapazes para São Vicente afim de avisar a capitania, e assim, o **DAMÃO** foi ter com eles, mas como não compreendia os sinais dos marinheiros e também porque não conseguiu encostar na praia voltou e a capitania enviou outra vez mas o pessoal já estava no Ilhéu Branco e este conseguiu trazer os marinheiros para São Vicente.

Mas para muitos ainda não é hora de desistir, porque os pescadores estão sempre animados quando estão no mar, podem até desanimar mas quando estão em terra tudo se recompõe.

Carlos, para além de ser proprietário, fez muitas travessias e é construtor de bote, já fez botes para toda a ilha Santo Antão como também para as ilhas de São Vicente, Boa Vista entre outras. Começou como aprendiz aos quinze anos de idade. Em Sinagoga é único que faz bote. Segundo ele, na construção dos botes encontra dificuldades em termos materiais e financeira. O material utilizado é a madeira adquirida nas firmas comerciais, mas para as costeletas usa mangueiras. Para armar um bote segue alguns procedimentos, primeiro arma-se a popa, a quilha, e a proa, o cadastro cheio e depois faz-se os dois terços de meio para formar o bote.

Segundo o mesmo, quanto a pesca praticada ontem e hoje existe uma grande diferença. Antigamente havia muito peixe, o cansaço era maior porque não havia motores. Passavam dias a navegar mas hoje parte-se e chegue-se no mesmo dia, só que o peixe diminuiu.

Segundo os pescadores, hoje o futuro da pesca em Sinagoga está ameaçada, porque, não se encontra ninguém que se sente bem no mar e acham que daqui alguns anos não irão encontrar uma pessoa sequer que põe um bote no mar.

Para Tidé não se pode fazer comparações entre a pesca e apanha de cagarra porque tudo diminui, e hoje vão apenas para apanhar cagarra. De uma entrevista que tivemos com os pescadores ficamos a saber que a cagarra é apanhada com anzóis sem “barba” amarrados em pequenos paus de bambum de forma que não tardasse os trabalhos.

Antigamente os botes traziam mais cagarra, hoje um bote traz apenas 1500 à 1600 cagarra. Em vias de extinção, porque muitos voam, outros morram no mar assim como também os peixes desaparecem, pois não são o pescadores que acabam com elas. Segundo os pescadores se não tirassem as cagarras não conseguiam apanhar peixes, porque onde a cagarras, elas não deixam pescar.

É uma captura feita todos os anos logo não há limites de apanha. Se trouxeram uma parte não dá para nada portanto tiram tudo. Para os pescadores se proibirem a apanha da cagarra devem apoiar os mesmos porque muito deles vão para a deserta a traz do sustento dele e da família, como se sabe sobreviver numa zona piscatória é difícil.

3.1.13-COMPARAÇÃO DA PESCA EM SINAGOGA COM AS ILHAS CANARIAS

No que diz respeito a pesca praticada nesses dois lugares, a diferença é muito grande e notória, em termos de embarcações, dos equipamentos, e principalmente do tipo de pesca.

Nas ilhas Canárias ao contrário de Sinagoga a pesca é muita rica e variada, porque as ilhas possuem alguns dos melhores pesqueiros do Atlântico Oriental e é uma pesca essencialmente industrial.

O carriço ou trawling é a técnica utilizada habitualmente, ainda que utilizem também outros em que se usam iscas vivas e mortas e simuladas que satisfarão igualmente o pescador mais exigente.

Quanto às modalidades de pesca, utilizam os seguintes:

- a pesca a vara com iscas artificiais para o atum, dourado, entre outros; a pesca de fundo (100 a 800m); iscas frescas para a captura de pargos, chernes, boca negras; drifting com engodo d isca fresca para a pesca de tubarão; e a pesca nocturna com isca fresca para a captura de peixes escada, tubarão, escolares. As embarcações são maiores que as de Sinagoga, pois medem 14m de comprimento, 4,87m de altura e capturam cerca de 24 toneladas. Têm capacidade para 2.400 litros de combustível, com uma autonomia para 400 milhas náuticas e uma velocidade de cruzeiro de 16 nós (máximo 22 nós). Possuindo dois motores – detoit diesel 8 V 71 TL de 435 C / U e ainda um gerador DNAN de 12,5 KVA.

Tal como em Sinagoga, eles também utilizam equipamentos, mas estes são muito mais sofisticados porque par além de outros recursos, possuem duas carreiras, três sensores de temperatura de água, um sonda de fundo e porto, piloto automático, duplo equipamento de comunicação VHF. Nessas ilhas a pesca assume um papel de comercialização enquanto que em Sinagoga assume um papel de subsistência. A produção piscosa de Sinagoga destina-se primeiramente ao

consumo local e só depois é que procedem à comercialização do excedente em outros lugares.

Com isso podemos concluir que a diferença destes dois tipos de pesca praticadas nestes mesmos lugares em questão são totalmente diferentes. As embarcações são maiores e por isso podem aventurar por bancos de pesca mais afastados da costa o que lhes permite o pescar é em maior quantidade e por conseguinte exportar para outros países.

3.2- AGRICULTURA

Quando os europeus chegaram ao arquipélago certamente não encontraram na flora autóctone as espécies que então aproveitaram para a sua alimentação.

Na falta de plantas que lhes possibilitasse uma base de subsistência, tornou-se imperativo a introdução de exemplares agrícolas, com as quais, estivessem familiarizados. Neste caso, Cabo verde foi utilizado como uma espécie de laboratório experimental, onde se procurava conhecer a adaptação de plantas provenientes das novas terras.

Sinagoga também já foi uma aldeia agrícola nos anos que mediaram o século passado, havendo muita água, boa vegetação, bom terreno.

Era uma agricultura tradicional com contornos de uma actividade virada para a subsistência com base na produção de cereais. As principais produções estavam limitadas: a batata – doce, a abóbora, o tomate, entre outros. A força do trabalho residia e residiu no braço dos próprios agricultores.

As próprias produções de subsistência nem sempre chegaram para a satisfação das necessidades da população. Segundo alguns testemunhos ainda vivos, Sinagoga foi uma aldeia de agricultura coberta de vegetação diversa e espontânea e lembram-se que os momentos áureos de Sinagoga já passou, (1947-1956). Foi no processo de distribuição de vidas humanas que Sinagoga se transformou num autêntico deserto. Toda a actividade económica foi reduzida a pesca artesanal que, em condições em que é exercida assume um carácter de subsistência e ao comércio em pequena escala.

A cultura de sequeiro é praticada em escala muito baixa e sempre fora da aldeia, num percurso que dura cerca de uma hora de caminho a pé.

Hoje apenas um número muito reduzido de pessoas se dedicam a agricultura como actividade complementar. Cultivam o milho, o feijão, a banana, a batata, entre outros. A irregularidade ou escassez de chuvas é o responsável pela falta desses géneros, mas por estas bandas a situação de fome não foi tão aguda como em outras paragens graças ao peixe.

As potencialidades para a agricultura em Sinagoga são limitadas devido a falta de terra arável. Hoje metade da área é destinada a recolha de lenha e muitas vezes servem para a pastagem de alguns animais como a cabra, os restantes são abandonadas.

O nível de produção é bastante baixo. O acesso à terra arável é desigual em Sinagoga porque ha famílias que detêm áreas maiores do que outras.

Com a criação do centro de leprosos da Gafaria, contribui-se ainda mais para a redução de terra arável nesta área. Todos estes factores fazem com que a agricultura não constitua forma de vida alternativo, mas sim, uma actividade complementar.

3.3- COMERCIO

É uma aldeia piscatória, mas a população também vive de outras actividades económicas, de entre as quais o comércio, que é uma actividade que pode ser considerada a principal de Sinagoga e a mais rentável, ainda que a dinâmica imprimida ao sector não seja a desejada. Embora pequena, possui lojas de dimensão reduzida que abastecem a população local e das redondezas. Com a abertura da estrada Ribeira Grande - Paul, Sinagoga passou a beneficiar-se de uma via privilegiada de abastecimento rápido e a baixo custo, situação que o comercio local não deixou de aproveitar.

Estas lojas todas, dedicam à actividade retalhista, pois não existe nenhuma empresa que preste um serviço grossista. Relativamente ao ano de 2003, registou-se um aumento considerável de estabelecimentos comerciais, tendo o número destes duplicado. De uma entrevista que tivemos com a população desta localidade, consideram que este aumento de estabelecimentos foi muito bom, na medida em que diminui a deslocação permanente à Vila Ribeira Grande para compra de produtos que muitas vezes não encontravam nas lojas aí existentes.

Mas, para alguns comerciantes há um certo descontentamento na medida que, este aumento só veio a aumentar a concorrência, factor que beneficia a população em geral, tanto no aumento da gama de mercadoria fornecida, mas também na redução dos preços dos mesmos.

Algumas lojas são abastecidas directamente da ilha de São Vicente, o que torna as mercadorias mais baratas do que se fossem adquiridas nas firmas da própria ilha. A diferença dos preços dos produtos nas lojas que compram nos grossistas locais difere muito, para mais, dos produtos comprados na ilha de São Vicente. Sendo assim, as pessoas procuram os preços mais baixos.

Os produtos da primeira necessidade são mais consumidos pela população de Sinagoga, com destaque para o arroz, o açúcar, a farinha, o milho, e outros que são consumidos diariamente nas casas das pessoas. Mas, às vezes, certos produtos escasseiam, e quando isto acontece, os comerciantes tentam repartir os produtos entre as diferentes famílias (lembra-se escassez do açúcar e milho).

Sendo uma área comercial não muita alargada em relação à outras localidades da ilha de Santo Antão, muitas vezes, é marcada por dificuldades e, o próprio comerciante queixa-se da situação em que são submetidos, devido ao reduzido número de compras.

3.4- PECUÁRIA

Como já tinha referido anteriormente, a pecuária é uma actividade económica muito reduzida em Sinagoga, devido a falta de espaço para a prática de tal actividade e também por não existir gado numa quantidade que justifique. Contudo, cada família reserva em redor da sua casa, ou lugar próximo uma área para criar uma cabrinha que, constitui um precioso recurso para eles. A criação é de certo modo o complemento da agricultura, visto que, todas as forragens são para os animais.

Os animais existentes são amarrados em cercos e toda a alimentação é fornecida ali mesmo no local, salvo quando são terras de pastagem, bem cuidados pelas crianças, mas isso somente fora das épocas de cultivo para que, estes não entrem nas hortas e danifiquem as culturas. Para além das cabras, as pessoas criam galinhas, porcos e burros.

Sendo uma actividade muita dispendiosa, visto que, esta implica aquisições de pasto, um espaço apropriado para tais, alimentação, ração entre outros, entretanto, contribuem bastante para o reforço económico das famílias porque, fornece a carne, o leite, o ovo que, muitas vezes se vendem para obter algum dinheiro que ajuda a resolver algumas situações, mas ainda, vendem o estrume que é valioso e os seus animais, cujo lucro ajuda nas despesas da casa.

CAPITULO IV

4-A RELIGIÃO, AS CRENÇAS, OS VALORES MORAIS E A FESTA DE SÃO JOSÉ

4.1 - A RELIGIÃO

“Sendo a religião uma atitude assumida pelo homem perante um poder sobrenatural do qual se reconhece como criatura sua, o homem desde sempre acreditou em forças sobre-humanas, manifestou uma atitude de impotência perante esses poderes³²”.

“Contudo, a religião é concebida como uma raridade colectiva em que estende-se ao conjunto das crenças que por sua vez, pressupõem uma classificação das coisas reais ou ideias que o homem representam em duas classes ou em dois géneros opostos, definidos geralmente por dois termos distintos bastante bem traduzidos. Pelas designações do profano e do sagrado³³”.

Sabendo que muitas vezes, principalmente em Cabo Verde, o sagrado sempre se misturou com o profano, com destaque para as festas de romarias, dado a sua natureza cosmogónica e ao mesmo tempo mitológica. Não é fácil definir o fenómeno religioso e, daí as dificuldades em delimitar as suas fronteiras. “É interessante verificar que, em todas as épocas históricas houve sempre aqueles que iam em devoção, cumprir as suas promessas junto aos altares, os mais velhos e, os outros, os mais novos, que essencialmente iam para divertirem, onde a religiosidade manifestava-se mais nas festas da igreja³⁴”.

Sendo Sinagoga uma aldeia essencialmente católica, estima-se que a população abraça a religião católica, sendo esta maioritária em 2004, tendo ao catolicismo aumentado 50%. No entanto, existem outras religiões como o

³² Grande Dicionário Enciclopédia Verbo III, N- Z, pg356

³³ Enciclopédia, Religião – Rito, nº 30, Einandi Imprensa nacional, casa da moeda, pg 181

³⁴ RODRIGUES, Moacyr, Cabo Verde, Festas de romaria, Festas Juninas, Edição autor, largo JohnMiller, Mindelo, Maio, 1997, pg 11

Protestante, a Adventista e a Nova Apostólica, sendo esta última a que, se posiciona logo à religião católica. O Racionalismo Cristão que não se posiciona como sendo uma religião, os Adventistas e os da Nova Apostólica apareceram depois da independência ao lado das religiões anteriores e de algumas seitas que apareceram depois da independência ao lado das religiões de maior penetração.

Nesta aldeia, o povo é muito respeitador e devoto à sua religião e há uma preocupação de celebrarem as suas actividades religiosas com a maior pompa.

Todos os domingos os cristãos deslocam-se a vila da Ribeira Grande para assistirem a missa, excepto no terceiro domingo de cada mês que o padre desloca-se a Sinagoga de modo a celebrar a missa.

Durante o mês de Maio, considerado pela igreja católica, o mês de Maria, os sinagoguenses percorrem de casa em casa, fazendo orações à noite até o final do mês havendo algumas que prolongam este acto durante todo o ano.

As suas orações são feitas em casa com a família, individualmente e, de modo silencioso, mas há quem prefira fazê-los colectivamente em ritual através de palavras, gestos, cânticos, objectos, símbolos, imagens.

Para a nossa população, a religião é algo muito sagrado e tudo fazem para que os mandamentos da lei de Deus sejam respeitados e cumpridos como manda a escritura da bíblia. A religião mantém o seu poder sobre as pessoas, mas outrora desempenhava um papel muito mais relevante que hoje. “As pessoas, viviam-na coabitavam com ela. Toda a vida quotidiana era pautada pelos ditames da religião. Durante vários séculos a religião funcionou como uma pedagogia, mas como todas as pedagogias da educação, a igreja também teve a sua quota-parte de repressão e muitas vezes castração da espontaneidade³⁵”.

Sinagoga, por enquanto, não tem nenhuma igreja ou capela o que evitaria a deslocação da população para a vila para assistir à missa.

Como diz a população, Sinagoga poderá ter sido primeiramente povoado pelos judeus. Segundo a história, no ano 721 começa a diáspora judaica com a invasão da Babilónia, onde grande parte da população judaica é deportada. No séc.I os romanos invadem a Palestina, e no séc. seguinte destroem a cidade de Jerusalém, provocando a segunda diáspora judaica. Após estes episódios, os judeus espalharam-se pelo mundo, mantendo a cultura e a religião. Espalhados pelo

³⁵ RODRIGUES, Moacyr, Cabo Verde, Festas de Romarias, Festas juninas, edição autor- Largo John Miller, Mindelo, Maio, 1997, pg 14, 15

mundo chegando à Ilha de Santo Antão, onde passaram por Sinagoga, como diz-nos Agostinho Rocha, no seu livro Subsídios para a história da ilha de Santo Antão (1462-1983), podendo logo de início os habitantes dessa aldeia ter adoptado a religião judaica que com o tempo ter-se-á mudado para o catolicismo.

4.2 - AS CRENÇAS

As crendices populares, atitudes do espírito que admite um grau variável de certeza, convicção, e opinião que representa como coisa verdadeira adaptada a fé.

A comunidade de Sinagoga é muito ligada à questão das crenças principalmente as superstições, que de todos os fenómenos sociais que formam o objecto da etnologia a superstição é o mais difícil de coordenar, sistematicamente pode ser uma arca muito abrangente, onde estão envolvidos formas de viver de todas as camadas sociais.

Alguns sinagoguenses, à semelhança da população de outras localidades da ilha acreditam em factos ou seres (humanos ou animais), que podem dar sorte ou azar, fazer o bem ou o mal.

Para eles, a existência de amuletos (uma pequena bolsa com fragmentos de orações, esconjuras, entre outros, é para se defenderem dos maléficos, azar, mal, que se possam vir acontecer.

Das crenças em forças sobrenaturais, manifestados pela população, destaca-se a ideia da existência de feiticeiros, espíritos, entre outros. A feitiçaria é uma crença que no passado teve um grande peso no seio da nossa população e não só, mas também, no seio da população Cabo-verdiana. Hoje em dia vem perdendo aceitação. Este facto é evidenciado ainda através dos rituais de guarda cabeça e pela forma como as pessoas preservam os seus filhos quando surge alguém com forma de feiticeiro. Essas mães, fazem resguardos de enxofre e colocam nos filhos de modo a livrá-los dos maléficos do chamados feiticeiros. Ainda hoje, se uma criança sentir uma febre ou uma diarreia dizem logo que é coisa de feiticeiros e, por causa disso, algumas crianças têm perdido a vida, porque em vez de levarem a criança ao hospital levam-na ao curandeiro, onde fazem os remédios de terra e dão à criança sem saber qual a razão da sua doença.

Actualmente, poucas pessoas acreditam na sua existência. Para aqueles que acreditam neles, os feiticeiros são seres humanos, com poderes sobrenaturais e existem dois tipos de feiticeiros: o que possui poderes para efectuar efeitos benéficos (korderos, curandeiros), e o que possui poderes apenas para efeitos malévolos (bruxos).

Convém referir que em Sinagoga não há korderos nem curandeiros, o que significa que as pessoas que acreditam nestas forças sobrenaturais têm que se deslocar a outras paragens da ilha como por exemplo a Ribeira Alta para a realização dos seus desejos.

“Quanto a crença de que a alma do outro mundo regressa ao mundo dos vivos, as opiniões divergem no seio da nossa população, onde uns acreditam que essas almas não pediram perdão na hora de morrer, outros acreditam ou acham que foram almas muito más e que fizeram muitas coisas erradas na terra e que, não conseguem descansar em paz ficam a rodear o mundo dos vivos³⁶”.

Existem várias outras superstições, de entre as quais destacamos: a noite, a partir da meia noite não se deve passear na rua porque pode ser atacado por “cacharronas, canelinhas entre outros”, também a partir “das dozes horas não se deve passar junto de um chiqueiro de porcos porque pode-se ser atacado pelos diabos, onde esta superstição está relacionada com um dos milagres de Jesus Cristo, conforme explica a bíblia sagrada que Jesus expulsou o satanás do homem e transferiu-o para os porcos³⁷”.

É de fazer referência aos sonhos que estão ligados às formas de superstição em Sinagoga, que ainda hoje é muito popular. Assim, sonhar com sangue significa morte na família ou parente próximo, sonhar com ovos estragados significa confusão, e se sonhar com noiva ou caixão significa morte e ainda se sonhar que alguém morreu, quer dizer que essa pessoa terá muitos anos de vida.

Uma outra forma de superstição está relacionada com os casamentos. A população de Sinagoga recusa casar-se no mês de Agosto porque, acreditam que este mês pode dar azar e desgosto na família. Também, é de referir que, muitas das formas de superstições ainda hoje manifesta-se em Sinagoga e, de entre eles, diz-se que, quem negar qualquer coisa a uma mulher grávida, o bebé pode nascer com uma mancha ou sinal da coisa que foi negada à mãe quando estava grávida.

³⁶ Depoimentos de algumas pessoas sobre o assunto, realizado em Sinagoga em Outubro de 2004

³⁷ Bíblia sagrada, São Lucas, Capítulo 8, Versiculo 26- 39 , pg 1405

“Actualmente as crenças já não possuem o seu peso inicial, embora, algumas formas ainda subsistem, com um interesse diminuto³⁸”, cremos que este facto deve-se ao aumento do nível de escolarização dos habitantes da localidade.

4.3 - VALORES MORAIS

Em todas as sociedades, os valores são regidos por um conjunto de princípios aceites pelos seus membros. Sendo assim, a violação desses princípios, constituem uma falta de respeito para com a comunidade em questão.

É neste contexto que, podemos dizer que os valores são adaptados ao espaço e ao tempo.

A moral, a honra, o ideal do bem, são alguns dos valores que estão presentes na concepção filosófica dos sinagoguenses.

Assim, quem pretende ser visto como uma pessoa do bem, honrada, tem que provar isto a si mesmo, a fim de convencer aos outros que de facto é uma boa pessoa. Dito de outra forma, tem que mostrar que de facto, possui virtudes para ser considerado como uma pessoa igual a outros.

Em Sinagoga, a questão da honra é muito considerada e caso alguém a perca constituí um motivo de vergonha para ela perante a localidade e família em particular. Devido ao papel que a igreja teve e tem, a honra que é muito ligada a nossa localidade, é sustentada pela religião. Sendo assim, há um conjunto de factos que constituem uma desonra para o homem, começando pelos problemas familiares e que inclui divulgação de um segredo, a saúde, situações económicas entre outros.

Em Sinagoga, hoje em dia a honra da mulher não tem o mesmo carácter que outrora teve, embora ainda em casos especiais estas a preservem tendo em conta que a sua reputação não deve ser afectada por estranhos.

Um caso especial que constitui uma desonra para a família, é a questão da gravidez de uma filha solteira que leva a consequências muito desastrosas. A filha é posta para fora de casa, mas hoje os pais vêm sendo mais moderados e, muitos pais vêm aceitando essa situação, exigindo entretanto que o pai do bebé comprometa a

³⁸ ROMANO, Luís, “o povo e algumas crenças em Cabo verde” in ponto e virgula nºs10 e 11, pg 48

sustentar o mesmo e caso este não cumpra a sua obrigação é lhe atribuído por lei pensão para filho.

As pessoas de Sinagoga fazem de tudo que para que os seus valores sejam respeitados e fazem com que, os de outrem sejam também respeitados para que possam viver numa sociedade de paz, tranquilidade, porque, quando não há respeito um pelo o outro, isto gera um clima de desordem na localidade. Segundo uma entrevista conseguida em Sinagoga a moral é a forma de agir do homem livre.

Hoje a questão da moral não tem grande peso como outrora em Sinagoga em comparação com outras localidades da ilha, principalmente as do interior onde a moral mantém um valor ainda um pouco profundo, a tal ponto que para alguns constitui uma desonra no caso uma mulher não casar virgem. Só que isto vem perdendo o seu peso e que hoje em dia normalmente não acontece.

4.4- A FESTA DE SÃO JOSÉ – 1º DE MAIO

A comunidade de Sinagoga recebeu a Xª Estação da Peregrinação da imagem de nossa Senhora de 7 a 14 de Julho de 2002. Foi um acontecimento marcante na vida da comunidade e, foi daí que surgiu a ideia de celebrar a festa de S. José. Alguns queriam que a celebração fosse realizada no dia 19 de Março dia do pai, mas por razões pastorais foi escolhido o dia 1º de Maio. Por ser feriado, a comunidade terá sempre a oportunidade de festejar sem ter que transferir a festa para o domingo. Actualmente, a comunidade de Sinagoga está entre as comunidades com maior vitalidade.

São José, iconograficamente apresenta-se como carpinteiro com as suas ferramentas do ofício ou como pai de Jesus, segurando um ramo com um lírio branco na mão direita e o menino Jesus na mão esquerda. Padroeiro dos carpinteiros e dos operários em geral, é também patrono dos desalojados que perderam o lar. Sustentou a sua família durante toda a vida com o trabalho artesanal, cumpriu seus deveres para com a comunidade, ensinou ao filho a profissão de carpinteiro.

Ainda é considerado como um Santo respeitador das mulheres, facto esse evidenciando no episódio que retrata o mistério da encarnação. Proclamando S.

José como protector dos trabalhadores, a igreja demonstra estar ao lado deles, dando-lhes como patrono o mais exemplar dos homens, aquele que aceitou ser o pai adoptivo de Deus feito homem, mesmo pressentindo o que poderia acontecer a sua família.

Em vida, S. José lutou pelos direitos da vida humana. Um exemplar chefe de família, acompanhando Maria e Jesus até os últimos momentos da sua vida.

A festa de S. José, assim como qualquer outra festa religiosa, possui um caracter sagrado que se adapta à época e ao espaço.

Festejado no dia 1º de Maio em Sinagoga, é uma festa que começa umas semanas antes, com bailes, radio de praça, entre outras actividades, de modo a arrecadar fundos para a festa. Por não ter uma capela a missa é celebrada as 11:30mm no pátio da escola de Sinagoga. Durante esses dias Sinagoga recebe pessoas de diversas localidades da ilha para festejar com eles. Muitas pessoas, deslocam no dia 1 de Maio, em forma de procissão, animados pelos cânticos dos grupos de jovens até a escola, onde assistem a missa em honra de S. José. Terminada a missa por volta das 13 horas, as mulheres da localidade distribuem o almoço as pessoas que vieram de longe. As 15 horas efectua-se o leilão dos produtos agrícolas geralmente exemplares mais desenvolvidos e vistosos que foram oferecidos ao Santo. Os produtos do leilão revertem a favor dos cofres da respectiva localidade e destina-se actualmente a custear a construção de uma capela para o referido Santo.

Concluída a função, a imagem de S. José e os estandartes são guardados até à próxima festa.

Mais tarde algumas pessoas começam a regressar às suas casas mas outros ficam na festa até o dia seguinte.

Ao longo das actividades são privilegiadas várias actividades desportivas, recreativas e culturais, permitindo que provocam a movimentação da população de algumas aldeias. O ponto mais alto é sem dúvida a missa e a procissão, durante os quais são entoados os hinos de louvor a S. José.

Começam-se as actividades um mês antes com a escolha dos cânticos, das pessoas que vão fazer as leituras, das pessoas que vão carregar o Santo durante a procissão, enfim faz-se tudo isto de forma segura para que no dia da festa não aconteça surpresas desagradáveis.

É uma festa rica no âmbito da culinária, abundância de comida. Em todas as casas, há comida em quantidade, de todos os gostos e sabores, as pessoas entram e comem sem nenhum receio, principalmente, as pessoas de longe. Fazem guisado ou canja de capado, feijoada, cachupa entre outras comidas. Há carne de porco, galinha, cabra assada e fritada em abundância.

É usual colocar barracas durante os dias de festas, para vender, comidas e bebidas. Vendem pastéis de peixe com malagueta, grogue, drops, ponche, refrigerantes, canja de galinha, etc. Enfim vendem uma infinidade de petiscos da terra das mais variadas qualidades.

A festa de S. José é uma festa que com o tempo vem ganhando mais expressão e vida em todos os sentidos, desde da preparação da festa até a festa propriamente dita, “ao contrario de outras que tem tendência de desaparecer, que de ano em ano vai minguando”³⁹.

Durante os dias de festas as pessoas tentam mostrar-se diferentes, usando roupas, sapatos, penteados diferentes, e diversificados.

³⁹ RODRIGUES, Moacyr, Cabo Verde, Festas de Romaria, festas juninas, edição autor – largo John Miller, Mindelo, Maio, 1997, pg 15-16

CAPÍTULO V

SAÚDE, EDUCAÇÃO E OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA POPULAÇÃO DE SINAGOGA

5.1 - SAÚDE

“Devido a germofologia, Santo Antão é a ilha que oferece maiores dificuldades em termos da garantia de uma cobertura sanitária, tanto quanto possível, equilibrada da população. No concelho da Ribeira Grande 11% da população tem de percorrer mais de três horas de caminho para alcançar o atendimento básico mais próximo, porque esses lugares não possuem um posto sanitário⁴⁰”.

Quanto a saúde em Sinagoga, é difícil fazer-se um estudo aprofundado, uma vez que não há fontes documentais relativos a saúde nesta localidade. Contudo, com um pouco de esforço vamos tentar dar uma imagem da situação.

Sendo assim, a saúde mencionada na referida localidade bem como em toda a ilha de Santo Antão nunca esteve a altura da satisfação social, enquadrando nesta abordagem as doenças existentes, as infra-estruturas e muitas vezes a mentalidade da própria população relativa a adaptação e colaboração com o sistema de tratamento.

A nossa população, é servida pelo hospital regional Dr. João Morais, situado na vila da R. Grande, que levou perto de dois anos a ser construído. Dotado de equipamentos modernos, bloco cirúrgico, estomatologia, pediatria, e outros, com a sua construção a situação dos doentes melhorou bastante, diminuindo assim drasticamente as evacuações para São Vicente.

Até hoje, em Sinagoga não existe um posto sanitário o que faz muita falta à população da localidade, porque os doentes são enviados para a vila para serem

⁴⁰ Concelho da R. Grande- Santo Antão, Republica de Cabo Verde, Câmara Municipal da R. Grande , pg17

tratados. Mas sempre que se constata problemas, os doentes são enviados para São Vicente.

O percurso até ao hospital faz-se em menos tempo do que acontece com outras localidades mencionadas anteriormente (menos de 10 minutos de carro), mas mesmo assim verificam-se constrangimentos ao chegar lá, porque as filas são numerosas e fica-se à espera, durante muito tempo, até ser atendida.

Actualmente, a equipa do PMI- PF desloca-se periodicamente à localidade para o controlo de crianças e grávidas. No que tange aos cuidados básicos, o hospital assegura os mesmos em caso de necessidades. Na localidade de Sinagoga não há farmácias, o que faz com que as pessoas desloquem à vila da R. Grande para efectuar a compra dos seus medicamentos.

“Concluindo diria que todos têm o direito de desfrutar do mais alto nível possível de saúde física e mental, pois o gozo deste direito é essencialmente para a vida e bem-estar e para a sua capacidade de participar em todas as esferas da vida pública e privada. A saúde não é uma mera ausência de doença, mas sim, um estado de pleno bem-estar, mental, física e social⁴¹”.

5.1.1 - A TRANSFERÊNCIA DOS LEPROSOS PARA A LOCALIDADE DE SINAGOGA

Nos anos que mediaram o séc. passado, Santo Antão tinha no seu seio um número elevado de leprosos. Segundo o facultativo da 1ª classe Manuel Nunes de Oliveira no seu relatório respostas as perguntas da junta, a lepra existia em Santo Antão desde os finais do séc. XV. O número de leprosos era elevado, mas ninguém adoptava providências sanitárias que pusesse um obstáculo eficaz à dissimulação da doença pelo contágio.

Ao governo da República impõe-se o dever de pôr termo a uma tão lamentável situação não só prestando socorro aos doentes, afim de lhes minorar a triste condição a que a lepra os submeteu, mas impedindo que o terrível mal se propague aos que ainda não estão contaminados estudando meios conducentes à sua

⁴¹ VICENTE, Ana – Direitos das mulheres, direitos humanos, Portugal, Publicações do projecto RAF/)// PO7, pg190

limitação actual e a sua futura extinção. Para isso, seria isolá-los em gafaria apropriada de modo que, impossibilitando-os de comunicar com a população sã da ilha, sendo no entanto cercados de condições de vida apropriada.

“A escolha do local para os leprosos atendia à duas circunstâncias essenciais, assegurado já se vê o respeito isolamento, as quais vem a ser a existências de terrenos cultiváveis onde os leprosos com alguma validade possam tratar da sua agricultura e abastecimento de água potável⁴²”.

Foi nesta óptica que houve a tentativa de comprar terrenos em Monte Trigo para a construção de uma gafaria, mas só que isto não foi possível devido ao preço elevado que se pretendia pela dita propriedade. Só que, a gafaria devia a muito tempo estar instalada nem sequer se sabe ainda onde, mas devia ser construída.

Pela portaria nº 185 do B.o nº 22 de 1912 manda que fosse construída uma gafaria provisória na Ribeira do “Barbasco”, por ser a única ribeira e sitio naquela ilha que tinha condições. “Barbasco” fica na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, distando da vila da R. Grande cerca de 3,5 Km pela estrada pública que segue para o Paúl.

Estas instalações eram para um número restrito de leprosos que fossem aparecendo pelos povoados e que oferecessem condições favoráveis ao contágio. Era uma instalação, que aliás foi o único e muito útil, de gafaria. O sitio denominado-se “Barbasco”, ficava debaixo das rochas e era onde os leprosos eram tratados pelo pessoal de saúde e com assistência a cargo da então administração colonial, havendo uma guarda que os impedia de sair.

Muitos leprosos existentes neste sítio, tinham filhos crianças, mas devido ao contágio estes não podiam ficar com os pais e por isso eram entregues ao governo e às autoridades, como aconteceu a uma mulher leprosa de “barbasco”, que morava em Sinagoga, que teve duas filhas neste sitio, mas porque as crianças não podiam ficar ai com a mãe e com outros leprosos em contacto directo, elas foram entregues às autoridades.

As condições que a baía de Sinagoga oferecia, foi divulgada pelos marinheiros e aos enviados do governo que decidiu proceder a estudos para melhoria e aproveitando do porto.

⁴² S.G.G (A1), Cx. 768 R.1/ R.2/ R.3/R.4/R.5, Venda de terrenos em Monte Trigo para a construção de uma gafaria para os leprosos, 1912, 1916

Desconhece-se como a Administração local teve conhecimento do envio de técnicos, mas antecipou a estes com a construção de uma gafaria na localidade de Sinagoga, e bem assim a mudança dos doentes para Sinagoga, porque o porto de Sinagoga retraria o movimento do de Ponta do sol e que aos poderosos do concelho não interessava.

Entre os anos de 1948-1951 construí-se a Gafaria com os primeiros quatro pavilhões e a transferência dos leprosos para Sinagoga. Só assim os leprosos seriam lembrados e apoiados em melhores condições.

Depois de alguns anos os leprosos foram retirados da gafaria e passaram a viver em casas construídas pelo Estado, junto de familiares e pessoas sãs.

Muitos já morreram e outros continuam vivos. Em Sinagoga quase já não há leprosos, o único existente, vive com alguma dificuldade. Exerce a profissão de pescador, para além de outras como criador de animais, cuidar da terra para agricultura, enfim, faz um pouco de tudo para sobreviver visto que não tem ninguém que vele por ele, auferindo apenas da pensão social mínima aos grupos desfavorecidos (3.000\$00), oferecido pelos serviços sociais do governo.

5.2 -EDUCAÇÃO

A educação constitui uma necessidade para qualquer país em via de desenvolvimento.

Em Cabo Verde, a educação tem um grande objectivo, que é o de elevar o nível da qualificação da população em geral e formar quadros qualificados para satisfazer as necessidades do desenvolvimento económico e social do país.

“Desde os tempos recuados, o povo da ilha de Santo Antão, teve uma acentuada propensão para a cultura, desde a nossa anónima às classes de elites com a manifestação entre as ilhas irmãs⁴³”.

“Para que a escola chegasse tarde a ilha e fosse ela dispersa, o que obrigava o aluno a percorrer grandes caminhadas para receber as primeiras letras, numa terra que só mais tarde viera a aparecer os caminhos. Da Garça por exemplo a vila da Ribeira Grande para receber a luz das letras percorriam cerca de 30 Km a pé ou

⁴³ ROCHA, Agostinho, Subsídios par a história da ilha de Santo Antão (1462-1983), edição autor com o patrocínio do Ministério da Educação, 1990, pg 77

montados em burros pela noite fora e muitas vezes com fome, trazendo aqueles que tinham mais recursos a sua serralha penduradas as costas, com batata assada entre outros⁴⁴”.

A vida era realmente dura e muitas crianças não frequentavam a escola devido a grande distância que percorriam.

Felizmente que, para as crianças de Sinagoga o percurso já era menos, mas mesmo assim, tinham que escalar até chegar a vila da R. Grande.

No ano de 1948 foi criada a primeira escola em Sinagoga, que funcionou até o ano de 1982, com a construção da nova escola que até hoje ainda funciona.

Actualmente, a escola encontra remodelada e ampliada, pois, uma parte já tem dois pisos onde leccionam algumas classes. Das salas existentes, todas funcionam em regime de desdobramento com seis professores, que vêm recebendo alunos tanto de Sinagoga como também de Chã das Furnas e, outrora já recebeu alunos do Lombo Branco.

Trata-se de uma escola bem estruturada, e com a construção desta escola a educação subiu de nível nesta localidade. Essa escola tem três salas de aulas, quatro casas de banho, tem um grande pátio, um refeitório grande com uma cozinha um espaço de comer, e ainda uma dispensa onde guardam as comidas.

Temos aqui em média 112 alunos distribuídos da seguinte forma:

Primeira classe_____14 alunos

Segunda classe_____27 alunos

Terceira classe_____19 alunos

Quarta classe_____16 alunos

Quinta classe_____19 alunos

Sexta classe_____19 alunos

O corpo pedagógico é formado por seis professores todos com formação pedagógica, e um coordenador que visita sempre as salas.

O pelouro de educação que se encontra nas mãos da Dona Nair Brito (delegada da educação na vila da R. Grande) tem feito muito em prol da educação neste concelho. Tem conseguido muitas ajudas em materiais escolares dos mais variados. Por exemplo a Bornefondem (fundo de apoio à criança) uma organização

⁴⁴ Idem, Idbem, pg77

fundada pelos países do Norte da Europa e com sede na Dinamarca, vem dando apoio importante e significativo em toda a ilha e principalmente nas comunidades mais pobres.

Foi graças a essas ajudas que a escola de Sinagoga foi remodelada e, se construiu mais duas salas de aulas, o que fez com que os alunos da quinta e sexta classe não se deslocassem mais à vila da R. Grande para assistirem as aulas.

De uma entrevista que tivemos com um professor de Sinagoga, ficamos a saber que a remodelação e expansão dessa escola só foi possível pelo empenho que a Câmara teve em arranjar parceiros que a ajudasse na sua remodelação. Ela foi reconstruída em 1998, com a ajuda de alguns países como é o caso do Luxemburgo.

Contudo, podemos ver que a “educação constitui um dos elementos fundamentais para a promoção do homem e da mulher, pois está provado que é pela educação que o cidadão se liberta, adquire informações e se torna mais consciente do mundo que o rodeia. Ela é a chave para a compreensão do passado e do presente e para a preparação do futuro⁴⁵”.

Sendo assim, devemos dar uma atenção muito especial a educação, que é um direito humano. Constitui um instrumento indispensável para se alcançar objectivos, igualdade, desenvolvimento. “A educação não discriminatória, beneficia tanto rapazes como raparigas, conduzindo assim, em ultima instância a uma relação mais igualitária entre homens e mulheres⁴⁶”.

5.3 - PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA POPULAÇÃO DE SINAGOGA

Como se sabe, Sinagoga fica localizada numa ponta de rocha pouca espaçosa, onde as dificuldades são inúmeras e diversas.

Ao longo do processo de diálogo que tivemos com a população desta localidade, estes identificam as suas principais dificuldades e necessidades prioritárias.

Para um grupo de jovem, as necessidades e dificuldades que tanto os preocupa prende-se com a falta de um campo de futebol adequado, falta de apoio

⁴⁵ GOMES, Crispina e CARDOSO, Margarida, Estudo sobre a participação política da mulher em Cabo Verde , praia , Maio de 2002, pg 32

⁴⁶ VICENTE, Ana, Direitos das mulheres, Direitos Humanos, Portugal, publicações do projecto RAF/97/Po7, 1999, pg 173

organizativo e material a grupos desportivos, falta de espaço de lazer (polivalente, placa desportiva), entre outros, falta de incentivo para organizar, falta de uma sede própria, e a ausência de apoios.

Sendo a localidade pequena, entretanto há muitas equipas de futebol tanto masculinos como femininos, e este futebol passa por muitas e inúmeras dificuldades:

No ano passado Sinagoga não conseguiu participar no campeonato de futebol devido a dificuldades. Hoje, consegue superar algumas, porque já é uma equipa federada e para além de ter participado no campeonato de futebol na região Norte da ilha de Santo Antão, participou e venceu o primeiro torneio do Município de Ribeira Grande em futebol realizado este ano.

Mas, quando se fala em dificuldades deve-se ter em conta que estamos a falar também do clube de Sinagoga que percorre cerca de 4 a 8 Km para participar nos treinos e jogos, respectivamente como já tinha referido anteriormente, motivados pela falta de um campo de futebol com condições adequadas e necessárias, ficando em desvantagens perante os outros clubes da ilha.

É com muita pena que podemos afirmar que o futebol em Sinagoga continua mal, precisando da mão de todos, apesar do empenho dos responsáveis.

Outro problema, está relacionado com os pescadores e com a modernização da pesca artesanal em Sinagoga: falta um arrastadouro de botes que faz com que muitas vezes o pescador seja obrigado a deixar o seu bote no mar ou arrastá-los nas pedras, falta de incremento na captura do pescado pela utilização de aparelhos de pesca mais adequados, infra-estruturas de frio, falta de materiais de pesca.

Segundo alguns pescadores em matéria de pesca, nenhuma infra-estrutura beneficiou a localidade e os seus pescadores e as facilidades de crédito para a pesca continuam em sonho. Para alguns pescadores da localidade, há necessidade de presença de um representante do Ministério das Pescas para melhor servir os pescadores.

Denota-se ainda a falta de um posto sanitário, que podesse prestar cuidados de saúde à população principalmente para os velhos, para que a deslocação à vila, para poderem ser assistidos se torna por vezes difíceis.

O desemprego que está a preocupar a maioria dos nossos jovens que já terminaram o 12º ano de escolaridade e que por falta de nota não conseguiram ganhar uma bolsa de estudo e outros que não chegaram a terminar os estudos,

constitui mais um sério problema para jovens com idade entre os 18 e 22 anos de idade. Esses jovens continuam sem nada que fazer, o que constitui uma preocupação permanente de todos.

São várias as necessidades enfrentadas pela nossa população embora algumas já foram resolvidas outras continua a afligir a população.

Para terminar queria lançar um apelo a Câmara Municipal da R. Grande e ao Estado de Cabo Verde de modo que ajudem Sinagoga superar esses problemas, e junto possamos pensar e fazer o desenvolvimento da localidade que todos nós com melhores condições de vida para a nossa digna e orgulhosa população.

Só com ajuda, esforço muita criatividade e solidariedade, Sinagoga transformará numa localidade modelo onde será cada vez melhor viver.

Nas épocas das eleições autárquicas, Sinagoga foi alvo de muitas promessas, porem, nenhuma delas foi cumprida. As nossas capacidades, o nosso saber, a nossas força acima de tudo o nosso empenho, envolvimento e dedicação constantes, assumidos na elevada e nobre missão de defender Sinagoga, as suas populações e os seus interesses, acima de tudo o bem de todos quanto vivem, amam e sentem, prezam esta localidade, fez com que muitas problemas fossem superadas como é o caso das redes e sistemas de abastecimento de água. Com a introdução de sistemas de águas melhorou muito a vida da população, o que se deslocava ao Paúl, ou a Mão para Traz em busca do bem precioso que é a água. Um outro problema que também eu acho que foi superado foi a construção de habitações para as famílias carenciadas de Sinagoga, construção de casas de banho.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim do trabalho sobre “A Aldeia de Sinagoga em Santo Antão. Formação de uma sociedade e o seu desenvolvimento social e cultural”, convém registrar algumas conclusões:

Sinagoga, uma das aldeias da ilha de Santo Antão, segundo os residentes poderá ter sido primeiro habitada pelos judeus, que em finais do século XIX chegaram a Santo Antão, fixando-se em Sinagoga e Coculi, este primeiro, onde iam fazer as suas orações. O mesmo, teve um começo atribulado e devido a sua situação geográfica (costa norte da ilha de Santo Antão), é uma zona que não possuía outros recursos senão os do mar.

Nos anos oitenta, Sinagoga veio a renascer-se com a construção da estrada que liga Ribeira Grande a Paul, infra-estrutura esta, que veio a contribuir para uma revitalização da vida sócio económica da aldeia. Para dar continuidade ao desenvolvimento foram introduzidas a electricidade, água canalizada, telefone, etc.

No domínio das actividades económicas, a pesca foi a actividade que mereceu maior destaque, tendo em conta as necessidades da população. Apesar de ser uma aldeia piscatória, a população dedica a outras actividades económicas, sendo o comércio a mais rentável, a agricultura e a pecuária mais fraca.

Quanto a religião, os católicos representam a maioria da população, embora persistam outras religiões. A festa de São José, continua a ganhar maior proporção de ano para ano e é uma celebração onde o profano e o religioso se misturam.

No que tange às superstições, constatamos que, este fenómeno sócio cultural vai perdendo o seu significado inicial devido à devoção do nível de escolaridade da população da aldeia.

A moral e a honra são alguns dos valores que estão bem presentes na concepção filosófica dos sinagoguenses.

No que concerne a saúde, houve um melhoramento do serviço prestado à população e após a construção do hospital regional, Dr. João Morais, ficou assegurada os cuidados básicos em caso de necessidade.

A educação é o ponto mais forte dos sinagoguenses e, hoje Sinagoga pode gabar-se de ter uma população onde a taxa do analfabetismo desce cada dia que passa e, isto tudo foi possível graças a construção da escola de Sinagoga.

Além disso, podemos concluir que, o povo de sinagoga enfrenta dificuldades e problemas inerentes à extrema pobreza. É um povo que vive com a

esperança de um futuro melhor, embora a natureza lhes seja adversa, as lições do passado, não sejam de molde a permitir grandes esperanças. As suas ambições são limitadas e integram-se no quadro das necessidades básicas e primárias. Contenta-se com um pouco e espera o seu desenvolvimento.

Terminando este modesto trabalho que muita satisfação pessoal nos trouxe, não podemos deixar de referir à vontade e o desejo de fazer bem, foram suficientes para ultrapassar algumas dificuldades.

Esperamos contudo ter atingido os objectivos a que nos propusemos no contexto curricular do curso de história que agora termina.

INSTITUTO SUPERIOR DA EDUCAÇÃO
TRABALHO FIM DE CURSO
INQUERITO AOS PESCAORES DE SINAGOGA

QUESTIONARIO

Identificação

- 1- Nome _____
- 2- Porto de desembarque _____
- 3- Tipo de pescador: Profissional _____
Ocasional _____

Características socio-demograficas

- 1- Idade _____
- 2- Estado civil: Casado _____
Divorciado _____
Solteiro _____
- 3- É chefe de família: Sim _____
Não _____
- 4- Qual o número do agregado familiar?

Características socio-economicas

- 1- Tem pesca como ocupação: Principal _____
Ocasional _____
- 2- Tem mais pescadores no teu agregado familiar? Sim _____
Não _____
- 3- Quantos _____
- 4- Com que idade começaste a pescar _____

Comercialização do pescado

1-Nos últimos anos o volume de venda: Aumentou _____
Diminui _____
Manteve estável _____

2- Justifica a tua resposta _____

3-A oferta do pescado em relação a procura é superior _____; inferior _____; equilibrada _____.

4-Considera os preços de venda remuneradores _____; aceitáveis _____; pouco remuneradores _____.

Segurança social

1-Teve acidente durante a pesca: Sim _____
Não _____

2- Em caso afirmativo, como resolveu o problema do sustento familiar

3-Qual foi o sentimento que apossou de ti aquando do acidente:
Desencanto _____
Satisfação como resolveu o problema _____
Que a pesca compensa sacrifícios _____
Desejou mudar de profissão _____

4-Se nunca teve acidente, considera a pesca como sendo:
Uma boa profissão _____
Segura _____; Insegura _____;
Que satisfaz e recompensa _____
Que é má profissão _____.

Como qualifica a profissão

1-Quanto as exigências profissionais: um meio de vida _____; um meio qualquer de vida _____; o melhor meio de vida _____; um meio de vida esforçado _____.

2-Quanto ao desgosto físico: cansativo _____; muito cansativo _____; agradável _____; normal _____.

3-Quanto a valorização social: muito valorizado _____; valorizado _____; pouco valorizado _____; marginalizado _____.

4-Como classifica a aderência dos jovens à pesca: muita aderência _____; pouca aderência _____; aderência normal _____.

5-Os jovens, o seu ver, vêem a pesca como profissão de: futura _____; pouco promissor _____; futuro incerto _____; de aderirem último caso _____.

BIBLIOGRAFIA

- ROCHA, Agostinho – Subsídios para a história da ilha de Santo Antão, (1462-1983), Praia, ed. Autor com o patrocínio do Ministério da Educação.
- STOCKINGER, Gottfried- Crónicas do campo(I)Ilha de Santo Antão, Praia, Instituto Cabo-verdiano do livro e do disco, 1990.
- FERRÃO, Nogueira- Estudos sobre a ilha de Santo Antão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1888.
- FERRÃO, Maria Haydée- Subsídios para a história da ilha de Santo Antão de Cabo Verde(1462-1900), Instituto de Promoção Cultural- tese, 1998.
- FUNHADO, H. Rogery C.et Ami- Perfil Integrado da ilha de Santo Antão, 1993.
- PERREIRA, Daniel- Recortes da história da ilha de Santo Antão, Praia, Junho, 1993.
- BARCELO, Sennas- Roteiro do Arquipélago de Cabo Verde, Lisboa, tipografia Regional, 1898.
- BRAGA; Teofilo- O povo português nos seus costumes, crenças e tradições , Lisboa, Publicações D. Queixote, reedição 1985, vol. I e II (ed. original) pela livraria Ferreira, editora, Lisboa, 1885.
- AMARAL, Ilido – “Cabo Verde – Introdução Geográfica”in História geral de Cabo Verde, Lisboa (S/ed.), 1991, vol. I.
- SILVA, Tomé Varela da- “Crenças e religiões” in descoberta das ilhas de Cabo Verde, Praia, Arquivo Histórico Nacional, 1998.
- CARREIRA, António- Demografia cabo-verdiana- Subsídios para o seu estudo(1807-1983), ICL, Praia, 1985.
- ROMANO, Luis- A ilha, cantos lusoverdianos da temática, europafrica + brasilamerica, ilhéu editora , Abril, 1991.
- TAVARES, Maria José Ferro- Judeus na época dos descobrimentos, edição elo, Lisboa.
- SERELS, M. Mitchell- Jews of Cape Verde- A brief history, sepls- hermon press, INC, Brooklyn, 1997.
- VICENTE, Ana- Direitos das mulheres- Direitos humanos , Portugal, Publicações do projecto RAF/ 97/ Po7.

- GOMES, Crispina e CARDOSO Margarida- Estudo sobre a participação da política da mulher em Cabo Verde , Praia, Maio, 2002.
- LOPES, João Filho- Cabo Verde, subsídios para um levantamento cultural , Lisboa , plátano Editora, 1981.
- IDEM – S. Nicolau de Cabo Verde, Formação da sociedade e Mudança cultural, Lisboa, Ministério da Educação, 1996, (I vol., ISBN 972-95047-1-7, II vol., ISBN 972-95047-2-5).
- CORREIA, Cláudia - Presença dos judeus em Cabo Verde, Inventariação na investigação do A. H. N (1840- 1927), Praia, A.H.N, 1998.
- RODRIGUES, Moacyr- Cabo Verde, Festas de Romaria, Festas Juninas, ed. Autor, Largo John Miller, 6, Mindelo, Maio, 1997.
- Agência de Ultramar – Cabo Verde, pequena monografia, Lisboa, Agência geral do Ultramar.
- Cabo Verde, Dez anos de desenvolvimento, editions debrosse, Fundo de Desenvolvimento Nacional.
- Reflexões sobre a pesca em Cabo Verde, Secretaria do Estado das pescas, Praia, 1985.
- Instituto Nacional de Desenvolvimento das pescas, Estudo do sector da pesca artesanal na ilha de Santo Antão, Diagnostico das comunidades, Agosto, 1998, INDP, Mindelo- São Vicente, Cabo Verde, Dezembro, 1999, Ref. (DPD/037- A).
- Concelho da Ribeira Grande – Santo Antão, Republica de Cabo Verde, Câmara Municipal da Ribeira Grande.
- Coreografia Cabo-verdiano ou descrição geográfico – histórico da província das ilhas de Cabo Verde e Guiné, tomo I, Lisboa, 1841.
- Descoberta / Povoamento/ Envagelização do arquipélago de Cabo Verde, Separata de STV, Dia, Revista semestral (S/ ed), 1962 nº 10.
- Instituto de investigação científica trópica (Portugal) e direcção geral do património cultural (Cabo Verde) História geral de Cabo Verde, vol. II, coordenação de Luís Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Lisboa, Praia, 1991.
- S.G.G (A1) cx. 768 R.1/ R.2/ R.3/ R.4/ R.5 – Venda de terrenos em Monte Trigo para a construção de uma gafaria para os leprosos de santo Antão, 1912- 1916.

- Revista de informação regional montanha, nº 1, Julho, 1991.
- Revista Ekhos do Paul, Junho, 1996, nº 8/ 91.
- B.O nº 37 de 13 de Setembro de 1884
- [Http:// wikipédia. Org/ wiki/ Sinagoga](http://wikipédia.org/wiki/Sinagoga)
- [Http://www.Portugalfishingadventure. com/ Canárias.](http://www.Portugalfishingadventure.com/)
- [htmHttp:/ www.sua pesquisa.com / Judeus](http://www.sua pesquisa.com/)

